

# **O PROTÓTIPO COMO FERRAMENTA DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM LÍNGUA PORTUGUESA: UM ESTUDO SOBRE O GÊNERO RELATO PESSOAL<sup>1</sup>**

## **The prototype as a teaching-learning tool in portuguese: a study on the personal report genre**

Brígida Gabrielle Silva de Oliveira<sup>2</sup>

Orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marcela Regina Vasconcelos da Silva Nascimento<sup>3</sup>

### **RESUMO**

Este estudo tem como objetivo desenvolver um protótipo didático que integre os multiletramentos ao ensino de língua portuguesa, com foco nos gêneros textuais, por meio de recursos multimodais e Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC). A pesquisa, de natureza qualitativa, fundamenta-se nos estudos sobre multiletramentos de Rojo (2017); Cazden et al. (2021); Cope; Kalantzis (2000); gêneros do discurso por Bakhtin (2003) e Bazerman (2020), além de trabalhos específicos sobre os gêneros relato pessoal, palestra e documentário. O protótipo foi desenvolvido integralmente na plataforma Canva. A organização do material segue uma progressão didática que parte de discussões temáticas, passa pelo gênero relato pessoal (primário) e avança para gêneros secundários (palestra e documentário), nos quais o relato se insere como componente. O protótipo incorpora diversos recursos tecnológicos, como QR codes, hiperlinks e ferramentas digitais (Notion, Miro, Jamboard), aliados a propostas mais tradicionais de atividades. O material se configura como uma proposta pedagógica inovadora, alinhada às demandas contemporâneas de ensino que valorizam a multimodalidade e a criticidade. Espera-se que este protótipo sirva como material para práticas docentes, inspirando práticas educativas mais dinâmicas e sintonizadas com os letramentos múltiplos necessários no século XXI.

**Palavras-chave:** Multiletramentos; Gêneros do discurso; Ensino de língua portuguesa; Protótipo didático.

### **ABSTRACT:**

This study aims to develop a didactic prototype that integrates multiliteracies into Portuguese language teaching, focusing on textual genres, through multimodal resources and Digital Information and Communication Technologies (DICTs). The research, of a qualitative nature, is based on studies on multiliteracies by Rojo (2017); Cazden et al. (2021); Cope; Kalantzis (2000); discourse genres by Bakhtin (2003) and Bazerman (2020), in addition to specific works on the genres of personal report, lecture and documentary. The prototype was developed entirely on the Canva platform. The organization of the material follows a didactic progression that starts with thematic discussions, goes through the personal report genre (primary) and advances to secondary genres (lecture and documentary), in which the report is inserted as a component. The prototype incorporates several technological

<sup>1</sup>Trabalho de Conclusão de Curso

<sup>2</sup> Departamento de Letras do Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco.

<sup>3</sup> Departamento de Letras do Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco.

resources, such as QR codes, hyperlinks and digital tools (Notion, Miro, Jamboard), combined with more traditional activity proposals. The material is an innovative pedagogical proposal, aligned with contemporary teaching demands that value multimodality and critical thinking. It is expected that this prototype will serve as material for teaching practices, inspiring more dynamic educational practices in tune with the multiple literacies needed in the 21st century.

**Keywords:** Multiliteracies; Discourse genres; Portuguese language teaching; Didactic prototype.

## 1. Introdução

O contexto global da atualidade é marcado por transformações tecnológicas, culturais e sociais profundas, que têm impactado diretamente as formas de comunicação, aprendizagem e interação. A digitalização emerge como um dos principais vetores de transformação, acelerando processos e criando novas dinâmicas em todas as esferas da vida humana. As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) estão cada vez mais presentes no cotidiano, redefinindo comunicação, produção e até formas de consumo.

Nesse cenário, a escola enfrenta o desafio de se adaptar a essas mudanças, integrando em suas práticas pedagógicas os recursos e linguagens que fazem parte da realidade dos estudantes. No entanto, o ensino de língua portuguesa, em muitos casos, ainda se baseia em métodos tradicionais, centrados no livro didático impresso e em abordagens que privilegiam a leitura e a escrita de textos verbais, sem abordar a multimodalidade e a diversidade de gêneros que circulam na sociedade contemporânea.

A pedagogia dos multiletramentos surge como uma resposta à necessidade de renovação. Proposta por teóricos do Grupo Nova Londres (Cazden et al), essa pedagogia defende a importância de desenvolver nos estudantes habilidades que vão além do letramento tradicional, abrangendo a capacidade de ler, interpretar e produzir textos em diferentes linguagens e suportes, como imagens, vídeos, áudios e hipertextos. Essa abordagem reconhece que, na atualidade, a comunicação não se restringe ao texto verbal, mas se dá por meio de uma combinação de modos semióticos, como o visual, o sonoro e o gestual. Dessa forma, o ensino de língua portuguesa precisa se reinventar, incorporando os multiletramentos e as TDIC para preparar os estudantes para as demandas do século XXI. (Rojo, 2017)

Pesquisadores destacam que o ensino de línguas, antes considerado secundário, tornou-se fundamental na era contemporânea. Um grande desafio da educação hoje é desenvolver a capacidade de lidar com os multiletramentos – habilidades essenciais para compreender e interagir em um mundo em constante transformação –. Essa discussão tem ganhado espaço em fóruns educacionais internacionais e na literatura especializada, reforçando a noção de que vivemos em uma realidade multissemiótica. (Brasil, 2004, p. 44)

Nesse sentido, ainda, acerca do ensino de língua materna, é perturbador notar que ainda há debates sobre a qualidade do ensino da língua materna nos dias atuais. Esse fato surpreende, especialmente considerando os numerosos avanços em diversas áreas do conhecimento. Esperava-se que o ensino da língua materna já tivesse evoluído para métodos mais eficazes, capazes de desenvolver habilidades de comunicação essenciais nos falantes. Contudo, o ensino do português parece estar desalinhado com o progresso científico e tecnológico. Observando-se que os estudantes frequentemente reportam — e demonstram — uma compreensão cada vez menor. (De Azevedo, Tânia Maris; Rowell, Vania Morales. 2017, p. 1)

As teorias linguísticas do texto e do discurso têm progredido bastante em seus estudos, mas muito pouco tem sido adequadamente transposto para as situações de aprendizagem do português. Muito se fala em uso de língua, em constituição do sentido do discurso, em configuração deste ou daquele gênero discursivo, entretanto, muito pouco, ou quase nada desses estudos vai para a sala de aula, quer nos cursos de formação docente, quer, por conseguinte, nos níveis de ensino da Educação Básica. (De Azevedo, Tânia Maris; Rowell, Vania Morales, 2017, p. 2)

E, apesar dos novos contornos mundiais de remodelação do letramento e do ensino, no país, ainda predomina o tradicional livro didático impresso:

Para se ter ideia da dimensão do programa, basta observar os números da negociação do PNLD 2018, a edição mais recente [à época], voltada para Ensino Médio. Entre reposições e novas aquisições, serão distribuídos aproximadamente 145 milhões de exemplares para mais de 32 milhões de alunos matriculados em 117 mil escolas públicas de todo o país, em uma operação que custará cerca de R\$ 1,2 bilhão aos cofres públicos. (Marsano-Pavan, 2017, p. 96)

Em 2012, no edital do PNLD 2014, o Ministério da Educação (MEC) incluiu pela primeira vez a exigência de objetos educacionais digitais complementares aos livros didáticos, que deveriam ser distribuídos em DVD. Essa medida gerou expectativas de que o programa superaria as limitações dos materiais impressos,

como a falta de interatividade e o uso restrito a textos e imagens estáticas. No PNLD 2015, o edital avançou ao solicitar obras multimídia, ou seja, versões digitais dos livros impressos enriquecidas com vídeos, animações, simuladores e outros recursos interativos. No entanto, muitos desses materiais foram reprovados por não atenderem aos critérios estabelecidos e nem chegaram às escolas. Em 2013, com o PNLD 2016 (Ensino Fundamental I) os objetos digitais passaram a ser destinados principalmente aos professores, na forma de um "Manual do Professor Digital", que integrava recursos clicáveis como infográficos e jogos educacionais. Já no PNLD 2017 (Ensino Fundamental II) os objetos digitais foram restritos ao uso exclusivo do professor, sendo vetados recursos que permitissem interação direta dos alunos, como atividades respondidas digitalmente. O foco era fornecer materiais de apoio à prática docente, como animações e vídeos explicativos. Por fim, no PNLD 2018 (destinado ao Ensino Médio) houve um retrocesso: nenhum material digital adicional foi exigido, exceto versões em formato EPUB3 para atender a necessidades de acessibilidade, como alunos com deficiência visual ou auditiva. (Marsaro-Pavan, 2017 , p.98)

O que se observa no atual sistema de ensino-aprendizagem, é uma grande defasagem, um sistema saturado, onde alunos e professores não mais encontram motivação para ensinar e aprender respectivamente, devido a um método extremamente tradicional onde o livro didático é colocado como o único objeto de estudo e fonte de pesquisa possível, sendo utilizado de forma limitada e antagônica à realidade do alunado. (Oliveira, 2014, p. 1)

Apesar disso, a proposta dos novos materiais multimodais no Brasil ainda não é uma substituição em relação ao livro didático tradicional impresso, mas uma complementação que aprimore o processo de ensino e aprendizagem, integrando diferentes linguagens e recursos tecnológicos para tornar a educação mais dinâmica, interativa e adaptada às necessidades contemporâneas.

Os estudos recentes sobre letramento e a pedagogia dos multiletramentos destacam a necessidade de práticas pedagógicas que integrem a diversidade de letramentos intrínseca ao mundo contemporâneo. Nesse contexto, os protótipos digitais emergem como alternativas inovadoras, capazes de atender às demandas contemporâneas.

O presente trabalho adota a concepção sociointeracionista de linguagem, que compreende a língua como um fenômeno social, histórico e cultural, que se constrói por meio da interação entre os sujeitos em contextos específicos (Bakhtin,

2003; Vygotsky, 2000). Essa perspectiva entende a língua como prática discursiva coletiva, permeada por fatores socioculturais que influenciam a produção e interpretação de sentidos, reconhecendo a heterogeneidade e a variação linguística como reflexos da diversidade cultural (Halliday, 1978).

Nesse viés, acerca dos gêneros, nas últimas décadas, o ensino da escrita passou por transformações significativas, baseadas em alguns princípios fundamentais. Primeiro, escrever bem vai além da construção de frases corretas, envolvendo a comunicação eficaz de mensagens relevantes. Segundo, a escrita é um processo complexo que demanda tempo e engloba diversas atividades. Terceiro, o ensino eficaz deve preparar os alunos para diferentes tipos de escrita necessários não apenas em linguagem e literatura, mas também em disciplinas como história, ciência, filosofia e política. Quarto, os estudantes precisam desenvolver habilidades para produzir diversos gêneros textuais, adaptando-se a diferentes contextos, mesmo que não seja possível prever todas as situações futuras. (Bazerman, 2020, p. 28)

Essa abordagem levou a pedagogia da escrita a transcender o ensino de normas linguísticas, incorporando sistematicamente o estudo de gêneros discursivos, registros e contextos comunicativos. O foco atual prepara estudantes tanto para demandas acadêmicas multidisciplinares quanto para situações profissionais futuras, reconhecendo a escrita como prática social dinâmica que requer análise contextual e flexibilidade adaptativa. (Bazerman, 2020, p. 29)

Dessa forma, conforme Marcuschi (2008), os gêneros estão intrinsecamente relacionados à esfera social e cultural, o que reforça a importância de seu ensino na escola como prática dinâmica e contextualizada. Essa perspectiva implica que os gêneros textuais não são estruturas fixas, mas sim ferramentas de interação que evoluem conforme as necessidades comunicativas dos grupos sociais, uma vez que, para Bakhtin (2003, p.280) “a riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável (...)”

Por isso a necessidade do trabalho com gêneros, de um lado, oferece uma base sólida para abordar diversos conteúdos da língua portuguesa de forma contextualizada, de outro, ainda, é uma prática dinâmica e renovadora, acompanhando as mudanças sociais, tecnológicas e culturais da comunicação. Dessa forma, os gêneros funcionam como ferramentas didáticas eficazes, pois permitem que o ensino da língua não se restrinja a regras isoladas, mas sim a

situações reais de comunicação. Os alunos desenvolvem habilidades de leitura, escrita, oralidade e conhecimentos linguísticos compreendendo a função social dos textos e adaptando-se a diferentes esferas discursivas.

Salienta-se, assim, que o ensino de gêneros na educação básica não se resume à mera classificação de formas textuais, mas constitui um eixo fundamental para o desenvolvimento de competências discursivas. Como demonstram as pesquisas em linguística aplicada, a apropriação de gêneros está intrinsecamente ligada à formação de sujeitos socialmente competentes na linguagem. Uma vez que seu embasamento está diretamente relacionado às práticas sociais e aos contextos de comunicação. (Marcuschi, 2008)

Além disso, a BNCC (2018, p.491) considera a necessidade de consolidar o domínio dos gêneros do discurso/gêneros textuais já abordados anteriormente e ampliar o repertório dos estudantes. Essa ampliação inclui, especialmente, gêneros que exigem um grau mais elevado de análise, síntese e reflexão, como parte do desenvolvimento de habilidades críticas e interpretativas mais complexas, fundamentais para a formação cidadã e acadêmica dos discentes.

Este trabalho tem como objetivo desenvolver um protótipo didático que alia os multiletramentos ao ensino de língua portuguesa, com foco no estudo de gêneros textuais por meio de recursos multimodais e TDIC. O problema central da pesquisa, portanto, é: "Como aliar os multiletramentos ao ensino de língua portuguesa por meio de um protótipo didático para o ensino de gêneros textuais?". Para responder a essa questão, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: (1) investigar a utilização de recursos multimodais com a finalidade de promover o ensino-aprendizagem de língua portuguesa; (2) estudar os gêneros do discurso, sob a ótica de Bakhtin; e (3) identificar e analisar as especificidades do gênero relato pessoal, além da sua manifestação nos gêneros documentário e palestra.

A pesquisa adota uma metodologia qualitativa, com base em revisão bibliográfica e análise teórica, fundamentada nos estudos de autores como Bakhtin; Bazerman; Marcuschi; Cavalcanti; Melo; Cazden et al; Rojo, que discutem gêneros textuais no contexto do ensino de língua portuguesa; gêneros do discurso; a necessidade da aplicação da pedagogia dos multiletramentos em contextos reais de ensino.

O trabalho está organizado em cinco partes principais: (1) introdução, que apresenta o tema, o problema, os objetivos e a justificativa da pesquisa; (2)

fundamentação teórica, que discute os eixos linguísticos centrais e a construção do protótipo, abordando temas como multiletramentos no ensino de língua portuguesa, o protótipo didático, gêneros textuais, e os gêneros relato pessoal, palestra e documentário; (3) procedimentos metodológicos, que detalham a abordagem qualitativa e os passos para a elaboração do protótipo; (4) apresentação do protótipo didático e (5) considerações finais, que sintetizam os resultados e as contribuições do estudo.

O protótipo deve servir como um material didático capaz de direcionar aulas de língua portuguesa de modo mais adequado à pedagogia dos multiletramentos, promovendo a integração de recursos multimodais e TDIC no ensino de gêneros textuais.

## 2. Multiletramentos e o protótipo didático

A partir das décadas de 1980 e 1990, os estudos sobre letramento passaram a reconhecer a leitura e a escrita como práticas culturais e situadas socialmente, o que levou à compreensão dos letramentos como múltiplos e diversificados. Essa abordagem foi consolidada em 1994, quando o termo “multiletramentos” foi introduzido pelo Grupo de Nova Londres. (Marsaro-Pavan, 2017, p.95)

Essa perspectiva ganha ainda mais relevância no século XXI, quando as rápidas transformações tecnológicas e as novas demandas sociais exigem não apenas a alfabetização tradicional, mas também a capacidade de interpretar e produzir sentidos em diferentes linguagens e mídias. O conceito de multiletramentos, portanto, torna-se essencial para compreender como os indivíduos se adaptam a um mundo em constante mutação, marcado pela digitalização e virtualização.

Atualmente, vive-se um período de drásticas mudanças globais, que afetam diversos aspectos da vida humana desde o mercado de trabalho - cujo modelo enfatiza a competição e destaca características como “flexibilidade” e “qualidade”, em oposição às produções em massa do velho capitalismo - até a própria vida privada - em que diferenças identitárias passam a ser mais visíveis e questões anteriormente restritas a um grupo, passam a ser expostas e discutidas amplamente. (Cadzen et al, 2021). Tem-se “um mundo que é ao mesmo tempo uma aldeia global, mas no qual a diversidade local é cada vez mais importante” (Cope;

Kalantzis, Kalantzis, 2000, p. 1 [tradução nossa]) .Há, pois, um período de profundas transformações sociais e culturais que impactam diversas esferas, desde o contexto global até o local, rompendo e reformulando fronteiras e relacionamentos de diferentes naturezas. (Fairclough, p.159, 1999 [tradução nossa])

A pedagogia dos multiletramentos, nesse cenário, propõe uma abordagem que vai além da alfabetização tradicional, focando no desenvolvimento de habilidades para lidar com múltiplas formas de comunicação e representação. Para Cazden et al (p. 18, 2021) "uma pedagogia dos multiletramentos, ao contrário (da pedagogia tradicional), concentra-se em modos de representação muito mais amplos do que apenas a língua".

Cope e Kalantzis (2000, p. 5) destaca a diversificação e a combinação de diferentes formas de criar significado, em que o texto não está isolado, mas conectado ao visual, ao sonoro, ao espacial, ao gestual e outros elementos. Essa interligação é especialmente relevante nas mídias tradicionais, nos conteúdos multimídia e nos ambientes digitais interativos. Nos dias de hoje, o sentido é construído de maneira cada vez mais plural, integrando a linguagem escrita a elementos visuais, sonoros e espaciais.

Essa pedagogia reconhece que a comunicação no século XXI não se limita ao texto escrito, mas envolve uma variedade de modos semióticos, como o visual, o auditivo, o gestual e o espacial. Além disso, os alunos precisam aprender a lidar com diferentes modos de representação e a integrá-los de forma coerente. Isso é especialmente importante em um mundo em que a comunicação é cada vez mais mediada por tecnologias digitais, como redes sociais, smartphones e outras plataformas. (Cadzen et al, 2021).

As TDIC, nesse cenário, têm reconfigurado as práticas pedagógicas ao introduzir novas metodologias e estratégias de ensino que rompem com os modelos tradicionais de ensino-aprendizagem:

As Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (doravante TDIC) estão no centro de profundas transformações em nossas práticas sociais. Tudo mudou: nossa forma de ver e de criar, o jeito como agimos e nos relacionamos, os meios que temos para consumir e para reivindicar, nosso modo de ler e de escrever e, como não poderia deixar de ser, nossas demandas de ensino e de aprendizagem. Em uma realidade cada vez mais digital, on-line, multissemiótica e plural, na qual a informação e o conhecimento podem ser reproduzidos e distribuídos infinitamente, de forma instantânea e a custo praticamente zero, os papéis (e o futuro) da

escola e dos materiais didáticos têm sido intensamente discutidos e, por vezes, questionados. (Marsaro-Pavan, 2017, p. 95)

Lemke (2010) evidencia que os letramentos da Era da Informação vão além do uso da multimídia, abrangendo também habilidades informáticas necessárias para categorizar, localizar e apresentar informações multimodais. O autor destaca que o ciberespaço assume múltiplas funções, funcionando como uma verdadeira “biblioteca das bibliotecas”, em que a exploração e a navegação substituem os métodos tradicionais de pesquisa e acesso à informação. Esse cenário reforça a urgência de repensar os materiais didáticos tradicionais, propondo o desenvolvimento de recursos que contemplem essas novas demandas educacionais, como os protótipos digitais que possibilitam experiências de aprendizagem mais significativas e alinhadas às exigências do mundo informatizado.

Sem todas estas habilidades (categorização e localização de informações e objetos, apresentações multimidiáticas, navegação e exploração), os futuros cidadãos estarão tão desempoderados quanto aqueles que hoje não escrevem, leem ou usam a biblioteca. Estas são as habilidades necessárias para nossos letramentos futuros, aquelas de que todos nós precisaremos. (Lemke, 2010, p. 463)

Um protótipo, nesse contexto, é um material didático digital que combina interatividade, multisssemiose (uso de múltiplas linguagens, como texto, imagem, vídeo, áudio) e hipermedialidade (integração de diferentes mídias). Segundo Rojo (2017, p. 17), o protótipo é projetado para ser navegável e flexível, permitindo que professores e alunos explorem conteúdos de forma colaborativa e investigativa. Diferentemente dos materiais didáticos tradicionais, que seguem uma estrutura fixa e linear, os protótipos são abertos, permitindo que os usuários (professores e alunos) façam escolhas sobre como interagir com o conteúdo e como construir conhecimento.

Uma das maiores dificuldades dos educadores é a relativa à implementação de materiais de ensino, os quais contemplem a Pedagogia dos Multiletramentos, em direção aos web currículos. Dessa maneira, frisa-se que os Protótipos Digitais de Ensino são materiais que contêm o alto uso das TDICs, de forma colaborativa, o que potencializa as proposituras dos multiletramentos em sua essência. (Adegas; Oliveira, 2021, p.421)

As principais características de um protótipo, conforme destacado por Rojo (2017), incluem: interatividade, que permite a participação dos usuários de forma

ativa, escolhendo percursos de aprendizagem e explorando diferentes recursos digitais; multisssemiose, que integra diversas linguagens e modos de comunicação, como textos, imagens, vídeos, áudios, infográficos, essenciais para os multiletramentos; e hipermidialidade, que utiliza a hipertextualidade, permitindo que os usuários naveguem por diferentes conteúdos e mídias de forma não linear.

Além disso, os protótipos são projetados para promover a colaboração entre alunos e professores, incentivando a construção coletiva de conhecimento, e oferecem flexibilidade, permitindo ao professor adaptar o material às necessidades específicas de sua turma, incluindo a escolha de acervos alternativos e a personalização de atividades (Rojo, 2017, p. 18).

### 3. Gêneros do discurso

Segundo Cavalcanti et al. (2019, p. 996-997), no final da década de 1970, no Brasil, o cenário acadêmico buscava refletir os avanços dos estudos das Ciências da Linguagem no ensino e aprendizagem da língua materna, com especial atenção às formas como o sujeito aprende linguagem por meio da textualidade, tanto na escuta/leitura quanto na produção oral/escrita. Nesse contexto, destaca-se a obra "O texto na sala de aula", publicada em 1984, que propunha novos caminhos para o ensino da língua portuguesa, integrando leitura, produção textual e análise linguística a partir do texto.

A partir da década de 1990, os gêneros textuais e discursivos passaram a ganhar maior relevância, seja como conteúdos de ensino, seja como ferramentas didáticas, impulsionados por pesquisas acadêmicas sobre discurso e textualidade. Esse movimento foi consolidado com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997/1998), que ampliaram o enfoque no trabalho com os usos da linguagem e os gêneros textuais em sala de aula, refletindo-se também na produção de materiais didáticos alinhados a essa perspectiva. (Cavalcanti et al, 2019, p. 996-997)

Acerca da temática, os gêneros do discurso são padrões enunciativos de relativa permanência que refletem as condições específicas e as finalidades de cada esfera da atividade humana. Segundo Bakhtin (2003, p.280), "a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana". Esses

enunciados são marcados por três elementos indissociáveis: conteúdo temático, estilo verbal e construção composicional, os quais são influenciados pela especificidade da esfera de comunicação em que são produzidos:

A negociação de sentidos surge da experiência individual e pode-se dizer que os sentidos estão relacionados com o uso da linguagem a que Bakhtin (2003) chama de enunciados, porque “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados”. Os enunciados não são totalmente originais, isto é, eles não surgem ao acaso, são formados a partir dos elos construídos com os enunciados dos outros e os individuais, através do engajamento mútuo entre as pessoas. (Aragão, 2016, p.12)

Os gêneros podem ser compreendidos mais detalhadamente ao serem vistos como fenômenos que surgem em contextos psicossociais de reconhecimento, inseridos em atividades organizadas dentro de práticas sociais específicas. Eles representam os tipos de interações que as pessoas percebem e utilizam, além de refletirem crenças e interpretações sobre suas finalidades. Nesse sentido, sua existência está vinculada a processos de comunicação em que indivíduos procuram coordenar ações e compartilhar significados para atingir objetivos comuns. Os gêneros, assim, transcendem a dimensão puramente textual, sendo elementos que estruturam diferentes aspectos das práticas sociais. (Bazerman, 2020, p. 52)

Os gêneros textuais são elementos fundamentais na organização de atividades profissionais e educacionais, configurando-se em três dimensões interligadas: (1) Um conjunto de gêneros, que refere-se aos tipos de textos que uma pessoa em determinada função produz regularmente, como relatórios, propostas ou e-mails no caso de um engenheiro civil, ou planos de aula e avaliações no caso de um professor. Ao mapear esses gêneros, é possível identificar grande parte das competências necessárias para desempenhar a função, incluindo habilidades técnicas e comunicativas. (2) um sistema de gêneros, que abrange as relações entre os textos produzidos por diferentes indivíduos dentro de uma organização, mostrando como eles se articulam em sequências previsíveis. Por exemplo, em uma disciplina acadêmica, o professor elabora um programa de curso, os alunos fazem anotações e enviam questionamentos, o professor responde e avalia os trabalhos, e, ao final, emite as notas. Essa dinâmica revela como os gêneros circulam e se complementam em fluxos comunicativos estruturados. (3) o sistema de atividades, que mostra como os gêneros se inserem em práticas sociais mais amplas. Em algumas áreas, como a medicina ou o jornalismo, os documentos escritos são

centrais, enquanto em outras, como no esporte, predominam ações físicas, ainda que apoiadas por gêneros como regras e reportagens. Assim, compreender os gêneros não se limita a analisar textos isolados, mas exige entender seu papel nas atividades humanas, evidenciando como eles mediam interações, organizam o trabalho e facilitam a aprendizagem. (Bazerman, 2020)

Além disso, os gêneros do discurso podem ser classificados em primários e secundários. Os gêneros primários são aqueles que surgem em contextos de comunicação verbal espontânea, como a réplica do diálogo cotidiano ou a carta pessoal. Já os gêneros secundários, como o romance, o discurso científico ou o discurso ideológico, são mais complexos e surgem em contextos de comunicação cultural mais elaborada, principalmente escrita. Esses gêneros secundários absorvem e transformam os gêneros primários, integrando-os em estruturas mais amplas e complexas. Como afirma Bakhtin (2003), "os gêneros secundários do discurso absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea" (Bakhtin, 2003, p. 282).

Bakhtin, nesse contexto, (2003, p. 282) ressalta que "o romance em seu todo é um enunciado, da mesma forma que a réplica do diálogo cotidiano ou a carta pessoal (são fenômenos da mesma natureza); o que diferencia o romance é ser um enunciado secundário (complexo)".

Esses gêneros são extremamente variados e heterogêneos, refletindo a diversidade das atividades humanas. Essa variedade é essencial para a comunicação em diferentes esferas da vida, pois cada gênero está adaptado às necessidades e finalidades específicas de cada contexto. Assim, "a riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável" (Bakhtin, 2003, p. 280).

Segundo Aragão (2016, p. 12), a teoria de gênero do discurso transformou a concepção sobre o ensino da escrita em diversos contextos ao afirmar que todas as interações sociocomunicativas são mediadas por gêneros textuais discursivos. Essa visão é apoiada por Marcuschi (2005, *apud* Aragão, 2016), que destaca os gêneros como fenômenos históricos relacionados à vida cultural e social, caracterizados por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição específicos.

O conteúdo temático refere-se ao assunto tratado no enunciado, ou seja, aquilo de que se fala. O estilo diz respeito ao modo de expressão característico de

cada gênero, incluindo as escolhas lexicais, as estruturas sintáticas e os recursos retóricos que o compõem. Já a construção composicional está relacionada à organização estrutural do gênero, isto é, ao modo como os elementos discursivos são dispostos e articulados para cumprir sua função comunicativa.

### 3.2 Gênero relato pessoal

O relato pessoal é um gênero que se baseia na narração de experiências, vivências ou reflexões de caráter individual, tendo como principal objetivo compartilhar uma história ou momento significativo da vida do autor. Esse tipo de texto permite que o leitor se conecte emocionalmente com o relato, pois ele traz uma visão íntima e subjetiva sobre um determinado assunto.

O gênero relato pessoal agrega em sua composição constitucional, características favoráveis à construção de situações comunicativas, capazes de comover e convencer o leitor sobre determinadas experiências vividas. Tais experiências podem apresentar variantes sócio históricas relevantes e associáveis ao cotidiano dos espectadores, promovendo mudanças significativas dentro de contextos semelhantes aos que se inserem os autores dos enunciados. (Aragão, 2016, p.13)

Uma das principais características do relato pessoal é a subjetividade, já que ele é construído a partir da perspectiva única do autor, com ênfase em suas emoções, pensamentos e percepções. Por isso, é comum que esse tipo de texto seja escrito em primeira pessoa.

O gênero relato de experiência vivida enquadra-se na sequência textual dos gêneros da ordem do relatar, nos quais predominam as documentações e memorizações das ações humanas, representadas pelo discurso de experiências vividas situadas no tempo. (Dolz; Schineuwly, 2013, p.51 *apud* Amado; Melo, 2015, p.80)

Acerca da organização escrita, sugere-se a seguinte estrutura composicional: a) Introdução ao contexto: o relato deve começar situando o tema principal, o local e o período em que as experiências ocorreram. b) Apresentação do narrador: o relator deve se identificar como protagonista das ações e vivências que serão descritas. c) Descrição dos eventos: é necessário mencionar as ações ou situações que serão narradas, destacando sua relevância para o relato. d) Organização temporal e emocional: os fatos costumam ser apresentados em sequência, conectando-os ao tema, espaço e período abordados, enquanto se descrevem as sensações, sentimentos e emoções vividas. A relação de causa e

efeito pode ser explorada ou não, dependendo da interpretação do relator.e) Conclusão do relato: o texto deve finalizar com uma reflexão sobre os impactos das ações na vida do relator e dos demais envolvidos. f) Incorporação de outras vozes: caso a experiência envolva outras pessoas, suas perspectivas podem ser incluídas para enriquecer a narrativa. (Brakling, 2009, mimeo *apud* Melo; Amado, 2015, p. 80-81).

Ademais, a relevância do gênero relato pessoal ganha ainda mais destaque quando aplicado à temática central escolhida no protótipo: a desigualdade racial. Nesse contexto, o relato pessoal se torna uma ferramenta poderosa para dar voz a experiências individuais que refletem estruturas sociais mais amplas e configura um meio de humanizar dados estatísticos e teorias, trazendo à tona as vivências reais de quem enfrenta o racismo no dia a dia.

### 3.3 Gêneros secundários: palestra

Há séculos, a capacidade de falar em público já era reconhecida como uma habilidade valiosa, especialmente em contextos em que a persuasão e a argumentação eram essenciais. A retórica, originária da Grécia Antiga entre os séculos V e IV a.C., surgiu como uma técnica dedicada ao estudo e à prática da persuasão, independentemente da busca pela verdade.

Ao longo da história, a retórica evoluiu e se adaptou a diferentes contextos culturais e sociais, mantendo-se como uma ferramenta poderosa para influenciar opiniões e mobilizar audiências. Hoje, gêneros discursivos como a palestra continuam a utilizar princípios retóricos para engajar e persuadir, combinando elementos como narrativa pessoal, argumentação lógica e apelo emocional.

A palestra, como gênero discursivo, desempenha um papel fundamental na disseminação de ideias e na promoção de reflexões sobre temas diversos. Ela se configura como um espaço de diálogo entre o palestrante e sua audiência, no qual o domínio da linguagem oral e a capacidade de persuasão são elementos-chave para o sucesso da comunicação. Há ainda a busca por inspirar e mobilizar o público.

Entre as principais intenções do palestrante estão as de orientar, ensinar e propor soluções efetivas para temas variados, tais como carreira, relações sociais, condicionamentos psicológicos, educação, sucesso pessoal e profissional. O intuito desse profissional é atingido pela utilização de recursos persuasivos da linguagem oral. (Silva, 2018, p. 110)

As palestras TED, no contexto contemporâneo, são fundamentadas na transmissão de ideias. Gallo ressalta que "algumas pessoas são excepcionais a apresentar as suas ideias", utilizando uma desenvoltura que as torna capazes de elevar seu estatuto e influência na sociedade. Essa capacidade de persuasão não se limita à qualidade das ideias em si, mas também à forma como elas são comunicadas. Gallo (2014, p.1) enfatiza que "uma ideia pode mudar o mundo" quando devidamente enquadrada e exposta, o que evidencia a importância de técnicas de comunicação eficazes.

Uma das características mais distintivas das palestras TED é a duração de 18 minutos, considerada ideal para manter a atenção do público e transmitir a mensagem de forma concisa e impactante. Gallo argumenta que "de pouco servirá apresentar ideias memoráveis numa palestra se a assistência não for capaz de se lembrar daquilo que foi dito" (Gallo, 2014, p. 2). Essa limitação temporal exige que o orador priorize experiências vividas e elementos polissensoriais, que facilitam a retenção do conteúdo pelo público.

A exploração desse gênero será feita a partir da análise da palestra "O perigo de uma única história", de Chimamanda Ngozi Adichie. Nessa conferência, Adichie aborda como narrativas únicas e reducionistas sobre culturas, povos ou indivíduos podem reforçar estereótipos e limitar a compreensão da complexidade humana. A análise permitirá identificar como o gênero relato pessoal se integra à estrutura da palestra, contribuindo para a construção de uma argumentação envolvente e autêntica, ao mesmo tempo que reforça a conexão emocional com o público.

### 3.4.Gêneros secundários: documentário

O gênero documentário tem suas raízes nos primórdios do cinema, com os chamados "actualités" dos irmãos Lumière, que retratavam cenas cotidianas. No entanto, foi com Robert Flaherty, em *Nanook of the North* (1922), que o documentário ganhou contornos mais definidos, combinando observação e narrativa. Na década de 1930, o movimento britânico British Documentary Film Movement, liderado por John Grierson, consolidou o documentário como uma forma de intervenção social, enfatizando seu potencial educativo e político.

Ao longo do século XX, o gênero se diversificou, dando origem a vertentes como o cinema direto, o cinema verdade e o docudrama. Cada uma dessas correntes trouxe contribuições específicas, seja na busca por maior autenticidade, seja na exploração de estratégias narrativas híbridas. Na contemporaneidade, o documentário tem se beneficiado das tecnologias digitais, que ampliaram suas possibilidades de produção e distribuição.

O documentário é um gênero jornalístico essencialmente autoral, marcado pela subjetividade do diretor, que expressa seu ponto de vista sem a necessidade de camuflar sua parcialidade, ao contrário da reportagem, que busca uma suposta objetividade (MELO; GOMES; MORAIS, 2001, p. 5). Caracteriza-se pelo uso de documentos, sejam materiais (imagens, fotos, vídeos) ou imateriais (depoimentos), que servem como registros da realidade e fundamentam a narrativa, embora a simples sequência desses elementos não defina o gênero (MELO; GOMES; MORAIS, 2001, p. 8).

Outra particularidade é a não obrigatoriedade de um narrador, permitindo que as vozes dos entrevistados se intercalem sem a necessidade de uma voz exterior para dar coesão ao texto. Além disso, o documentário pode utilizar montagens ficcionais, como reconstituições e encenações, para ilustrar fatos, especialmente quando há falta de registros históricos, sem perder a credibilidade. Por fim, o gênero frequentemente carrega uma "moral da história", que permeia a narrativa e busca persuadir o espectador, diferenciando-se da reportagem, que não tem essa pretensão (MELO; GOMES; MORAIS, 2001, p. 8).

No protótipo, utilizei o documentário "Consciência Negra", que aborda a temática do racismo, trazendo história, política e diversas experiências individuais de vítimas do racismo. As narrativas pessoais apresentadas no filme ajudam a humanizar as estatísticas e a criar uma conexão emocional com o público, ampliando a conscientização sobre o impacto do racismo na vida das pessoas.

#### 4. Metodologia

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, adequada para estudos que envolvem análise interpretativa e desenvolvimento de materiais didáticos no campo dos multiletramentos, já que o enfoque qualitativo visa desvelar a rede de significados subjetivos que os atores sociais atribuem às suas experiências, partindo do pressuposto de que a riqueza e profundidade dos fenômenos sociais não podem

ser reduzidas à perspectiva tecnopositivista, que privilegia uma análise objetivista e isolada da realidade (Rodrigues, 2016 apud Silva et al, 2022, p.3).

O trabalho consistiu na elaboração de um protótipo didático para o ensino de gêneros textuais no Ensino Médio, utilizando como suporte principal a plataforma Canva, que permitiu a criação da capa, elementos gráficos e a maioria das imagens do material. A pesquisa seguiu três etapas fundamentais: revisão bibliográfica, desenvolvimento do protótipo e análise do material produzido.

Na primeira etapa, realizou-se um levantamento bibliográfico abrangendo três eixos principais: os multiletramentos (com base em Rojo e Cazden et al., 2021), os gêneros textuais (fundamentados em Bakhtin e Marcuschi) e estudos específicos sobre os gêneros trabalhados no protótipo: relato pessoal (Aragão, 2016; Amado e Melo, 2015), palestra e documentário (Silva, 2018; Melo, Gomes e Moraes, 2001; Gallo, 2014). Paralelamente, consultamos as diretrizes curriculares para o Ensino Médio, que orientaram a seleção de habilidades a serem desenvolvidas nas atividades propostas.

O desenvolvimento do material foi iniciado com o levantamento bibliográfico supracitado, seguido por uma curadoria cuidadosa de materiais que abordassem a temática racial, tivessem relevância social e fossem pertinentes para a aplicação de multiletramentos no contexto educacional. Essa seleção serviu como base para todas as unidades do protótipo, garantindo consistência teórica e alinhamento com os objetivos pedagógicos. Após a curadoria, os textos foram organizados por unidade, e as atividades foram elaboradas em paralelo à seleção de recursos multimodais, como hiperlinks e QR codes, para ampliar as possibilidades de interação e aprendizagem.

Em algumas seções, o protótipo retoma conceitos ou atividades de unidades anteriores, reforçando a conexão entre os conteúdos e fortalecendo a noção de unidade do trabalho. Embora o material incorpore novas tecnologias digitais de comunicação e informação (TDIC), ele também inclui atividades mais tradicionais, permitindo que o(a) professor(a) adapte a abordagem conforme a realidade de sua turma. No entanto, a proposta central é justamente integrar esses recursos tecnológicos ao cotidiano escolar, incentivando o uso crítico e criativo das ferramentas digitais como parte do processo de ensino e aprendizagem.

A fase de análise permitiu avaliar as escolhas pedagógicas realizadas, sempre em diálogo com a fundamentação teórica adotada. Embora o protótipo não

tenha sido aplicado em contexto real de sala de aula, sua estrutura foi cuidadosamente planejada para promover os multiletramentos através da combinação entre multimodalidade, uso de TDIC e abordagem de temas sociais relevantes. O material desenvolvido se apresenta como uma proposta concreta para renovação das práticas de ensino de língua portuguesa, podendo servir de inspiração para outros professores e abrindo caminho para futuras pesquisas que testem sua aplicação em ambientes educacionais reais.

#### 5. Exposição do protótipo didático: “Entre letras e vozes: o gênero relato pessoal”

O protótipo didático "Entre Letras e Vozes: O Gênero Relato Pessoal" foi desenvolvido com o objetivo de explorar o ensino de gêneros textuais por meio de uma abordagem multimodal e multissemiótica, centrada no relato pessoal. A proposta parte da integração de recursos como vídeos, áudios, imagens e textos interativos, buscando criar um ambiente de aprendizagem que estimule a participação ativa dos alunos e facilite a compreensão das particularidades desse gênero.

A estrutura do protótipo prioriza a interação entre os estudantes e os materiais, promovendo o reconhecimento das características formais e funcionais do relato pessoal e a reflexão sobre sua dimensão subjetiva e social.

Os objetivos que orientaram o desenvolvimento deste protótipo incluem: analisar e refletir sobre as questões relacionadas à desigualdade racial, contextualizando-as em perspectivas históricas, sociais e culturais; interpretar textos multimodais, integrando seus diferentes elementos semióticos para a construção de sentidos; elaborar uma palestra ou documentário que aborde a temática racial, com a inclusão de pelo menos um relato pessoal; e explorar as noções de gêneros discursivos propostas por Bakhtin, identificando e diferenciando gêneros primários e secundários, aplicando esses conceitos na prática comunicativa;

O material, em sua totalidade, explora diversos conteúdos interativos e propõe o uso de plataformas como Notion e Miro para facilitar a colaboração e a construção coletiva de conhecimento. Há, também, o trabalho com meme, tirinha, música e artigos de jornal. Além disso, o material promove uma análise linguística, com foco no gênero relato pessoal, e amplia essa análise para os gêneros palestra e

documentário, identificando a presença e a função do relato pessoal dentro desses gêneros secundários.

Na primeira unidade, o foco recai sobre uma discussão temática centrada na "desigualdade racial". Por meio de textos, notícias e memes, os alunos são convidados a refletir sobre as nuances desse tema, analisando como ele se manifesta em diferentes contextos e linguagens.

Iniciamos o protótipo com um texto sobre o paradoxo de uma minoria que configura quase 56% da população brasileira. Essa perspectiva é ampliada com a análise do “mito democracia racial” disseminado no Brasil desde Freyre.

**A DESIGUALDADE RACIAL**

**Violência implícita**  
A tirinha escancara a violência mais difícil de ser combatida e denunciada: a violência não verbal.



1. O que está acontecendo nas duas cenas da tirinha?  
2. Qual é a diferença na abordagem dos personagens em cada quadro?  
3. O que significa a expressão "Privilegio racial" no contexto da tirinha?  
4. Como as expressões faciais e corporais dos personagens ajudam a entender a mensagem da tirinha?  
5. Como a recorrência de ações como as demonstradas na tirinha impactam na sociedade?

**Hora do Debate!**  
Formem grupos e conversem sobre as seguintes questões:

1. Você já presenciou ou viveu algo parecido? Como se sentiu?
2. Por que algumas pessoas são tratadas de maneira diferente em espaços públicos?
3. Como podemos combater essa desigualdade no nosso dia a dia?

Responda as questões de forma clara e objetiva.

**Respostas possíveis:**

1. A tirinha retrata duas situações contrastantes dentro de uma loja. No primeiro quadro, um cliente branco recebe atenção imediata e é atendido com entusiasmo. No segundo quadro, um cliente negro está na mesma situação, mas, em vez de receber atenção imediata, é observado por um segurança, demonstrando um contraste no tratamento.
2. A abordagem no primeiro quadro é acolhedora e respeitosa, enquanto no segundo quadro, o cliente negro é tratado com desconfiança e vigilância, refletindo a desigualdade racial.
3. O termo "privilegio racial" refere-se às vantagens que algumas pessoas possuem devido à sua cor de pele. No contexto da tirinha, isso se manifesta no tratamento diferenciado dado aos dois clientes: enquanto o homem branco recebe um atendimento cordial, o homem negro é tratado com desconfiança, reforçando um padrão de racismo estrutural.
4. A abordagem no primeiro quadro tem uma expressão amigável e aberta ao diálogo com o cliente branco, que parece confortável. No segundo quadro, o cliente negro tem uma expressão de surpresa e desconforto, enquanto o segurança mantém um olhar sério e observador, transmitindo vigilância e suspeita. Essa diferença reflete a crítica ao racismo presente na sociedade.
5. A repetição de ações como as da tirinha impacta a vida de pessoas negras de forma profunda. Psicologicamente, pode gerar estresse, ansiedade e baixa autoestima. Socialmente, cria um sentimento de exclusão e desconfiança. Economicamente, limita oportunidades profissionais e o acesso a serviços. Essas práticas perpetuam desigualdades e reforçam o racismo estrutural, tornando mais difícil a conquista de direitos iguais.

Fonte: a autora (2025)

Nesta seção, apresenta-se a interpretação de uma tirinha que retrata duas pessoas, uma branca e uma negra, sendo recebidas de maneiras distintas. A pessoa branca é atendida com atenção e entusiasmo, enquanto a pessoa negra é vigiada de perto por um segurança. Em seguida, propõe-se uma discussão, incentivando os alunos a debaterem se já testemunharam ou vivenciaram situações semelhantes, promovendo uma reflexão crítica sobre as dinâmicas raciais presentes no cotidiano.





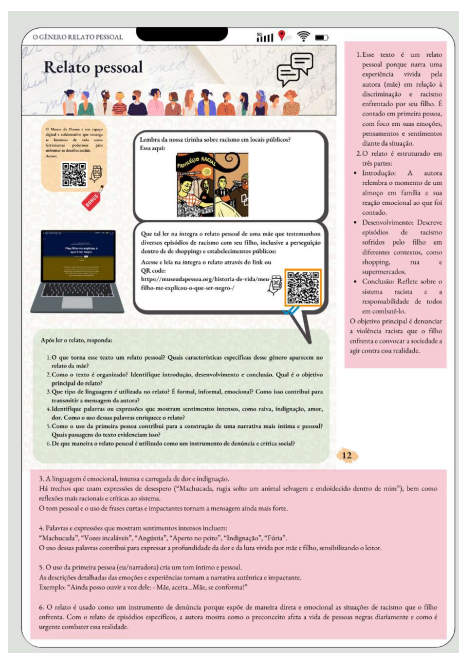
templates personalizados e integração com outras ferramentas, como o google drive.

Depois, sugere-se a navegação pelo site “Negro Muro”, que configura um projeto voltado para prestar homenagem a pessoas negras por meio de artes realizadas em muros no Rio de Janeiro.



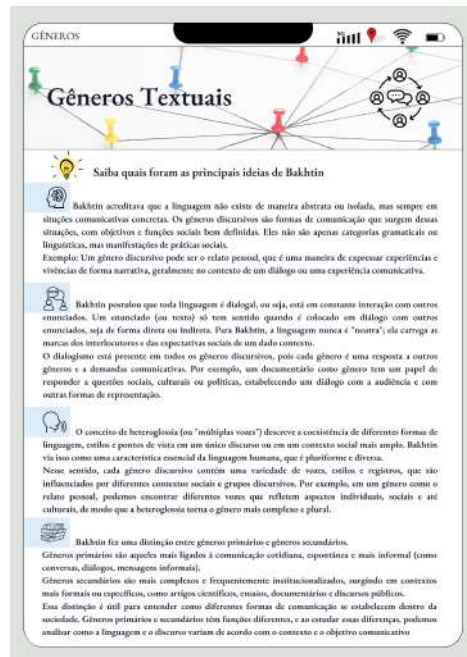
Fonte: a autora (2025)

A segunda unidade introduz o gênero relato pessoal, tomando como base a definição e a apresentação de aspectos caracterizadores do gênero relato pessoal.



Fonte: a autora (2025)

Em seguida, a análise de um relato real, que remete a uma tirinha tratada na primeira unidade: o relato de uma mãe que testemunhou casos de racismo sofridos pelo seu filho. A escolha desse material permite não apenas discutir as características estruturais e discursivas do gênero, mas também conectá-lo à temática racial, reforçando a dimensão humana e social das narrativas pessoais.



Fonte: a autora (2025)

Na terceira unidade, o protótipo avança para a discussão sobre gêneros primários e secundários, conforme a concepção de Bakhtin. Para ilustrar essa relação, são apresentados dois gêneros secundários: a palestra e o documentário. Embora distintos do relato pessoal, os materiais selecionados mostram como esses gêneros mais complexos podem incorporar e ressignificar gêneros primários, como o relato pessoal, em sua estrutura. Essa análise busca demonstrar a interdependência entre os gêneros na construção de sentidos. Para isso, as atividades propõem a exploração de cada um dos gêneros e a influência do relato pessoal embutido em cada um deles.



Fonte: a autora (2025)

Por fim, o protótipo propõe uma atividade prática em que os alunos devem escolher entre a produção de um documentário ou uma palestra, ambos abordando a temática racial. A tarefa exige que, em sua produção, os estudantes incluam ao menos um relato pessoal, integrando-o de maneira coerente ao gênero escolhido. Essa proposta visa consolidar os conhecimentos adquiridos ao longo das unidades, incentivando a criatividade, a reflexão crítica e a aplicação prática dos conceitos estudados.

## Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo central desenvolver um protótipo didático que alia os multiletramentos ao ensino de língua portuguesa, com foco no estudo de gêneros textuais por meio de recursos multimodais e TDIC. A partir da investigação teórica e da análise dos gêneros textuais, foi possível construir um material que busca atender às demandas modernas da educação, integrando práticas pedagógicas inovadoras ao ensino tradicional.

Considera-se, nesse sentido, a relevância dos estudos sobre gêneros do discurso, percebendo a necessidade de ampliar a abordagem dessa modalidade no ensino médio, uma vez que ela possibilita aos alunos a compreensão das diferentes

formas de comunicação presentes na sociedade, já que essa análise gera o desenvolvimento de habilidades críticas para identificar intenções, contextos e interlocutores, o que é fundamental para a interpretação e produção de textos tanto no contexto escolar quanto na própria vida deles. Além disso, essa abordagem, no contexto da educação básica, favorece o desenvolvimento da autonomia intelectual, pois o aluno passa a perceber a linguagem como uma prática social dinâmica, e não como um conjunto de regras estáticas.

Em primeiro lugar, a pesquisa evidenciou a importância dos multiletramentos no ensino de língua portuguesa, especialmente em um contexto em que as TDIC e os textos multimodais estão cada vez mais presentes no cotidiano dos estudantes. A pedagogia dos multiletramentos, defendida por teóricos como Cazden et al. e Rojo, mostrou-se essencial para preparar os alunos para a interpretação e produção de textos que combinam diferentes linguagens, como imagens, áudios e vídeos. Essa abordagem permite que os estudantes desenvolvam habilidades mais alinhadas às práticas sociais contemporâneas, ampliando suas capacidades de comunicação e interação.

Em segundo lugar, como supracitado, o estudo dos gêneros do discurso, sob a ótica de Bakhtin, destacou a relevância de trabalhar com gêneros que circulam socialmente e que são significativos para os alunos. Especificamente a análise do gênero relato pessoal e de suas manifestações nos gêneros documentário e palestra, permitiu compreender como esses textos podem ser utilizados de forma integrada no ensino, promovendo a reflexão sobre a linguagem, suas funções sociais e até como meio de debate de assuntos relevantes, que, no contexto do protótipo, foi a temática da desigualdade racial.

Por fim, este estudo reforça a necessidade da escola se adequar às demandas modernas, incorporando em suas práticas os recursos e linguagens que fazem parte da realidade dos alunos. A pedagogia dos multiletramentos e o uso das TDIC enriquecem o ensino de língua portuguesa e preparam os estudantes para atuar em uma sociedade cada vez mais complexa e multimodal. Espera-se, também, que este trabalho inspire novas pesquisas e práticas pedagógicas que continuem a explorar as potencialidades dos multiletramentos e das TDIC no ensino, contribuindo para a formação de cidadãos mais críticos, criativos e preparados para os desafios do mundo contemporâneo.

## REFERÊNCIAS

ADEGAS, Fernanda Victória Cruz; OLIVEIRA, Vinícius Oliveira de. **Protótipos Digitais de Ensino**. In: Seminário Nacional de Línguas e Linguagens da UFMS/CPAQ e Seminário da Sociedade dos Leitores Vivos, 2021, Mato Grosso do Sul. **Anais**. Aquidauana: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2021, p. 421-434.

ARAGÃO, Andreia Doria et al. **Produzindo textos a partir do gênero relato pessoal**. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

AZEVEDO, Tania Maris de; ROWELL, Vania Morales. Problematização e ensino de língua materna. In: V SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE LINGUAGEM E ENSINO: Teorias Linguísticas e Ensino, 2007, Pelotas. **Anais**. Pelotas: UCPEL, 2007. v. 1. p. 01-14.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. 2. ed. Recife: Pipa Comunicação, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/abril-2018-pdf/85121-bncc-ensino-medio/file>. Acesso em: 25 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares do Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEB, 2004.

CAVALCANTI, J. R. et al. Gêneros de discurso, escrita e ensino. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. UNICAMP. Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), v. 58, n. 3, p. 996-1003, 2019.

CAZDEN et al. **Uma pedagogia dos multiletramentos**. Desenhando futuros sociais. (Orgs. Ana Elisa Ribeiro e Hércules Tolêdo Corrêa; Trad. Adriana Alves Pinto et al.). Belo Horizonte: LED, 2021.

COPE, Bill et al. (Ed.). **Multiliteracies**: Literacy learning and the design of social futures. Londres: Routledge, 2000.

DE MELO, Bárbara Olímpia Ramos; AMADO, Fabiana Gomes. Gênero e sequência didática: uma proposta de trabalho com o relato de experiência vivida. **Anais do COGITE-Colóquio sobre Gêneros & Textos**, p. 77-95, 2015.

FAIRCLOUGH, Norman. Multiliteracies and Language Orders of discourse and intertextuality In: **Multiliteracies**: Literacy learning and the design of social futures. Londres: Routledge, 2000.

GALLO, Carmine. TED: **Os segredos de comunicação das conferências mais carismáticas do mundo**. Gestão Plus, 2014.

HALLIDAY, M. A. K. **Language as social semiotic**: The social interpretation of language and meaning. London: Edward Arnold, 1978.

LEMKE, J. L. **Letramento metamidiático**: transformando significados e mídias. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 49, n. 2, p. 455-479, dez. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010318132010000200009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010318132010000200009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 27 de mar de 2025.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008.

MARSARO-PAVAN, Fabiana. Dos livros didáticos aos protótipos de ensino: em direção a um web-currículo. **Revista Triângulo**, v. 10, n. 1, p. 92-106, 2017.

MELO, B. O. R. D.; AMADO, F. G. Gênero e sequência didática: uma proposta de trabalho com o relato de experiência vivida. **Anais do GOGITE - colóquio sobre gêneros & textos**, 2015, Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2015, p. 77-95. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/ancogite/article/view/10911/6249>. Acesso em: 20 de Jul. de 2022.

MELO, Cristina Teixeira V. de; GOMES, Isaltina Mello; MORAIS, Wilma. **O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral**. In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação. Campo Grande, MS, set. 2001. Disponível em: <https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/11572121297094948981203363898082664337.pdf> . Acesso em: 20 de março de 2025.

ROJO, Roxane. Entre Plataformas, ODAs e Protótipos: Novos Multiletramentos em Tempos de Web 2.0. **The Specialist**, Vol. 38, No. 1, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/32219>. Acesso em 10 de fevereiro de 2025.

SILVA, Paloma Sabata Lopes da. **A linguagem da palestra**: estratégias retóricas, linguísticas e pragmáticas. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

SALES, Eric de. **O documentário na sala de aula**: uma verdade absoluta para o aluno? ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.

SILVA, Daniele Cariolano da et al. Características de pesquisas qualitativas: estudo em teses de um programa de pós-graduação em educação. **Educação em Revista**, v. 38, p. e26895, 2022.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

OLIVEIRA, J. P. (14–16 de abril, 2014). **A Eficiência e/ou Ineficiência do Livro Didático no Processo de Ensino-Aprendizagem**. IV Congresso Ibero-Americano de Política e Administração da Educação. [https://anpae.org.br/IBERO\\_AMERICANO\\_IV/GT4/GT4\\_Comunicacao/JoaoPauloTeixeiradeOliveira\\_GT4\\_integral.pdf](https://anpae.org.br/IBERO_AMERICANO_IV/GT4/GT4_Comunicacao/JoaoPauloTeixeiradeOliveira_GT4_integral.pdf)

APÊNDICES



**ENTRE LETRAS E VOZES: O  
GÊNERO RELATO PESSOAL**



# APRESENTAÇÃO

**Prezados professores e estudantes,**

O presente material foi pensado para ser um recurso interativo e adaptável, elaborado com o propósito de promover o aprimoramento de entendimentos relativos aos gêneros textuais, em especial, ao relato pessoal e sua importância na reflexão crítica e expressão pessoal através da linguagem.

Organizado em quatro unidades, o protótipo explora como o relato pessoal se manifesta em diferentes gêneros textuais — como documentário e o gênero palestra — e como esses gêneros podem ser utilizados para debater questões sociais e identitárias.

A temática central deste material é a desigualdade racial, um problema estrutural que atravessa nossa sociedade e demanda constante reflexão e ação. Por meio de leituras, discussões e produções, buscamos não só compreender melhor essa questão, mas também estimular a produção de relatos pessoais que contribuam para o debate e para a transformação social.

Esperamos que esta jornada possibilite a ampliação das vozes invisibilizadas e o fortalecimento da sua capacidade de se expressar e transformar o mundo por meio da linguagem!

# Índice

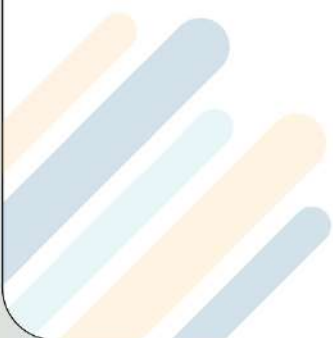
Unidade 1. Desigualdade racial

Unidade 2. O gênero relato pessoal

Unidade 3. Gêneros do discurso

Unidade 4. Hora da ação!

Anexos



## Minoria na cor, maioria na Dor: O Brasil desde a escravidão até o surgimento do mito da democracia racial



Mural do Negro Muro

No final do século XIX e início do século XX, intelectuais brasileiros, como Gilberto Freyre, começaram a promover a ideia de que no Brasil havia uma "democracia racial", em que diferentes raças conviviam harmoniosamente. Essa narrativa foi consolidada em obras como "Casa-Grande & Senzala" (1933), que romantizou a miscigenação como um fator positivo e único da cultura brasileira. Nessa época, o Brasil adotou políticas de imigração que privilegiavam a chegada de europeus, especialmente italianos, alemães e portugueses. Essas políticas eram baseadas em teorias racistas e eugênicas que defendiam a "superioridade" da raça branca.

Nesse contexto, surge o mito da democracia racial, uma ideologia que promove a falsa ideia de que o Brasil seria uma nação miscigenada em que não existem desigualdades raciais significativas. Esse discurso, amplamente difundido ao longo do século XX, tentou vender a imagem de uma convivência pacífica e harmônica entre brancos, negros e indígenas. A mestiçagem, muitas vezes enaltecida como prova de uma sociedade sem racismo, foi usada como justificativa para esconder as profundas desigualdades existentes.

O mito da democracia racial foi essencialmente uma estratégia para silenciar as reivindicações da população negra. Ao negar a existência de discriminação racial, o sistema dificultou a organização de movimentos sociais negros e invisibilizou as denúncias de desigualdade.

Mesmo com o avanço de debates e políticas públicas nas últimas décadas, o mito da democracia racial ainda influencia a maneira como o racismo é percebido e tratado no Brasil. A ideia de que vivemos em uma sociedade racialmente harmoniosa contribui para minimizar a gravidade da desigualdade e para deslegitimar as demandas por reparação histórica e igualdade de oportunidades.

## Violência implícita

A tirinha escancara a violência mais difícil de ser combatida e denunciada: a violência não verbal



1. O que está acontecendo nas duas cenas da tirinha?
2. Qual é a diferença na abordagem das personagens em cada quadro?
3. O que significa a expressão “Privilégio racial” no contexto da tirinha?
4. Como as expressões faciais e corporais dos personagens ajudam a entender a mensagem do quadrinho?
5. Como a recorrência de ações como as demonstradas na tirinha impactam na sociedade?

Navegue pelo site “Mina do HQ” e descubra muitas outras tirinhas



### Hora do Debate!

Formem grupos e conversem sobre as seguintes questões:

1. Você já presenciou ou viveu algo parecido? Como se sentiu?
2. Por que algumas pessoas são tratadas de maneira diferente em espaços públicos?
3. Como podemos combater essa desigualdade no nosso dia a dia?



Respeite as falas dos colegas, escute com atenção e exponha suas ideias de forma clara e respeitosa.

## A DESIGUALDADE RACIAL

ump has sought to r  
estigation  
It was the first test o  
counsel's ability to p  
a case in a federal cou  
mid intense criticism from  
resident and his other ha  
jury is a...  
ich him. And the outcome  
stantial political implica  
only in denying Mr Trump  
ammunition for his camp  
discredit Mr Mueller  
re and during the trial, Mr  
both sought to defend Mr

# Jornalismo e racismo



Observe os títulos jornalísticos e as imagens associadas a cada uma das matérias e responda:

### RIO DE JANEIRO

27/03/2015 19h21 - Atualizado em 27/03/2015 19h21

#### Polícia prende jovens de classe média com 300 kg de maconha no Rio

Eles foram presos num estacionamento de um prédio na Tijuca. Delegado tenta identificar outros integrantes da quadrilha

[https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/03/policia-prende-jovens-de-classe-media-com-300-kg-de-maconha-no-rio.html#:~:text=Policiais%20da%2025%C2%AA%20DP%20\(Egenho,um%20carro%20Hyundai%20Santa%20F%C3%A9.](https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/03/policia-prende-jovens-de-classe-media-com-300-kg-de-maconha-no-rio.html#:~:text=Policiais%20da%2025%C2%AA%20DP%20(Egenho,um%20carro%20Hyundai%20Santa%20F%C3%A9.)

RORAIMA 

Q. BUSCAR

#### Polícia prende dupla de traficantes que portava 10 Kg de 'supermaconha' na zona Oeste de Boa Vista

Investigação revelou a atuação da dupla em três bairros da capital, chefiando pontos de vendas de entorpecentes.

<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2019/01/03/policia-prende-dupla-de-trafficantes-que-portava-10-kg-de-supermaconha-na-zona-oeste-de-boa-vista.ghtml>



Esses são os "jovens de classe média"



Essa é a "dupla de traficantes"

1. Nos títulos das notícias, "jovens de classe média" e "dupla de traficantes" são expressões-chave. Como a escolha dessas palavras influencia a imagem que o leitor tem dos envolvidos?
2. Você percebe algum padrão de representações raciais e de classe na cobertura da mídia sobre crimes? Como a construção das narrativas em torno de crimes cometidos por brancos e negros reflete um viés racial presente nas escolhas de palavras e na forma como as notícias são estruturadas?
3. Perceba os elementos visuais e composicionais da notícia que demonstram uma diferença na descrição e tratamento de pessoas negras e pessoas brancas (tanto por parte dos redatores, quanto da própria polícia)?



## A DESIGUALDADE RACIAL

# Violência policial



Cena de crime

Linha policial

Não avance



1 Acesse a matéria jornalística de Fernanda da Escóssia para a BBC Brasil pelo QR code



ou pelo link <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-36461295>

2 Analise o meme do programa de televisão "FamilyGuy"

1. O que o meme do "Family Guy" está tentando representar por meio do uso das cores com as etiquetas "OKAY" e "NOT OKAY"?
2. De que maneira o meme ilustra o conceito de racismo estrutural discutido no texto da matéria jornalística?
3. Como os dados do "Mapa da Violência" revelam a persistência do racismo estrutural na sociedade brasileira?
4. Qual é o impacto dos "autos de resistência" na impunidade de violência policial contra jovens negros? Por que 99,2% dos inquéritos são arquivados?

### Sua vez!

Após responder as perguntas, reúna-se em grupo, debata as respostas entre si e realize uma investigação:

Pesquise **casos recentes** (dos últimos 5 anos) que mostram **violência contra jovens negros no Brasil**.

Traga **exemplos** de ações concretas de movimentos sociais que lutam contra o racismo e a violência policial.

Crie um cartaz digital de conscientização relacionando os dados pesquisados e os movimentos sociais:

O material deve conter:

**Título Impactante.**

**Dados Estatísticos Relevantes** (usando gráficos, se possível).

**Imagens ou Ilustrações** que representem o tema.

Imprima os cartazes e cole na sua sala de aula

# Racismo estrutural

Embora sejamos chamados “minoría”, carregamos nas costas o peso da maioria das injustiças.



## O que é?

O racismo estrutural é um conceito que se refere à forma como o racismo está profundamente enraizado nas estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais de uma sociedade. Diferente das manifestações explícitas de racismo individual, o racismo estrutural opera de maneira sistêmica, sendo reproduzido e perpetuado por instituições e práticas cotidianas que parecem neutras, mas que beneficiam certos grupos raciais em detrimento de outros.

## Origens e Funcionamento

O racismo estrutural tem origem em processos históricos de colonização, escravidão, exploração e segregação que estabeleceram hierarquias raciais e padrões de dominação. Estes processos foram legitimados por ideologias pseudocientíficas e discursos religiosos que justificavam a inferioridade de determinados grupos, principalmente negros e indígenas.

Mesmo após o fim formal dessas práticas, como a abolição da escravidão, as estruturas sociais permaneceram organizadas de forma a perpetuar privilégios e desigualdades baseadas em raça. O racismo estrutural é sustentado por normas sociais, leis, políticas públicas e práticas institucionais que mantêm as desigualdades raciais. Esse sistema de desigualdade é frequentemente naturalizado, fazendo com que práticas discriminatórias sejam vistas como parte da normalidade social.

Lembra quando falamos sobre as desigualdades no início do protótipo?



Vamos ver os aspectos citados em números:

## Desigualdade racial em números

### 1. Desigualdade Econômica e Rendimento

Em 2022, pretos e pardos (classificação do IBGE) recebiam, em média, 57,4% do rendimento dos brancos.

Fonte: IBGE, PNAD Contínua 2022 (IBGE, 2023).

Em 2023, a população branca apresentou taxa de desemprego de 5,9%, enquanto as de pretos (8,9%) e pardos (8,5%) superaram a média nacional.

Fonte: IBGE e Agência Brasil

Mulheres negras recebem 44% do rendimento médio dos homens brancos na mesma função. (2022)

Fonte: IBGE

### 2. Violência Policial e Encarceramento

Do total de homicídios registrados em 2022, 76,5 por cento tiveram como vítima pessoas pretas e pardas.

Fonte: Atlas da Violência e Rádio Senado

### 3. Saúde e Mortalidade

Mulheres negras têm 2,5 vezes mais risco de morrer no parto do que brancas.

Fonte: Ministério da Saúde

### 4. Representação política

Cargos no Congresso: Em 2023, apenas 24% dos deputados federais eram negros, apesar de negros serem 56% da população.

Fonte: TSE e IBGE (TSE).

### 5. Educação

Cotas raciais: Após a implementação das cotas, a presença de negros nas universidades públicas subiu de 28% (2001) para 50,3% (2023).

Fonte: ANDIFES, Censo da Educação Superior (MEC, 2023).

Pessoas negras tem mais chances de abandonarem os estudos em relação às pessoas brancas. Entre 9 milhões de pessoas que abandonaram ensino médio, 71,6% eram negras. Enquanto 27,4% eram brancas.

Fonte: PNAD contínua (IBGE 2023)



## A carne

A letra destaca como a carne negra é historicamente explorada, subjugada e invisibilizada, remetendo à escravidão e ao preconceito que persistem na sociedade contemporânea.



Acesse o clipe e a letra pelo link:

A Carne - Elza Soares ou  
<https://www.youtube.com/watch?v=yktrUMoc1Xw>



Ou pelo QR code:

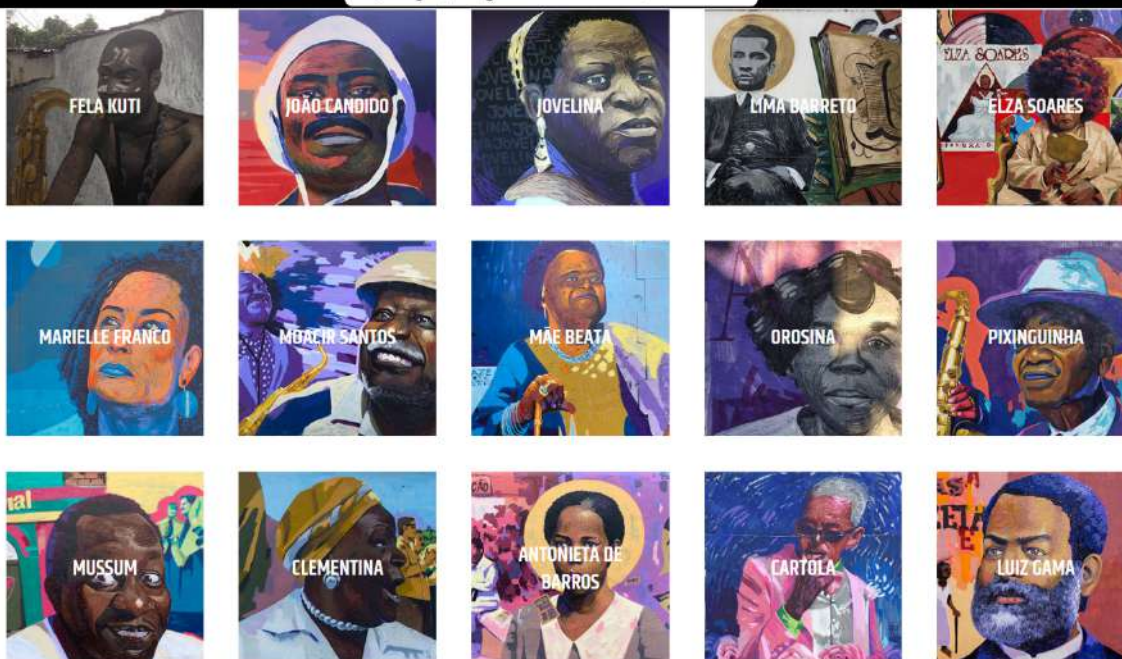


1. O que Elza Soares quer dizer com a frase “A carne mais barata do mercado é a carne negra”? Como essa frase se relaciona com o conceito de exploração e desvalorização das pessoas negras na sociedade?
2. Quais situações de violência e marginalização das pessoas negras são mencionadas na música?
3. A música menciona que “esse país vai deixando todo mundo preto e o cabelo esticado”. O que essa frase simboliza em relação ao processo de invisibilização e apagamento cultural?
4. De que maneira a música expressa resistência e luta por respeito e justiça? Cite um trecho que demonstra essa mensagem.
5. Como a crítica feita pela música se relaciona com o conceito de racismo estrutural? Quais elementos mostram que o racismo é um problema sistemático e não apenas individual?

## Navegue pelo site “Negro Muro”

Desde 2018, o NegroMuro mapeia a memória negra por meio da arte urbana, destacando figuras históricas negras em grandes murais públicos.

Q https://negromuro.com.br/ x



A proposta do **Negro Muro** é **valorizar e divulgar** a história e a cultura negra através de murais artísticos espalhados pela cidade do Rio de Janeiro. Este projeto busca promover o reconhecimento e a visibilidade de personalidades negras importantes na história do Brasil, mas que muitas vezes foram invisibilizadas pelos registros oficiais.

Por meio de painéis pintados em muros e fachadas de prédios, o Negro Muro embeleza o espaço urbano, e **reconta histórias e promove debates sobre identidade, memória e resistência negra**. No site, cada mural é acompanhado por informações que contextualizam a vida e a obra da pessoa retratada, funcionando como uma galeria de arte pública e um recurso educativo.

O projeto convida o público a refletir sobre as contribuições negras à sociedade e a questionar estruturas racistas que historicamente apagaram ou desvalorizaram essas narrativas. É uma iniciativa que une arte, educação e ativismo cultural.

Acesse o site negro Muro pelo QR code:



ou pelo link:  
<https://negromuro.com.br/c/azeraiao/>



# Canção para ninar gente grande

Vamos analisar juntos a letra da música "Canção para ninar gente grande"



A resistência como ponto de união e identidade coletiva. A luta é o fio que une as gerações de excluídos e injustiçados.

Aqui, há a subversão da ideia do "descobrimento" do Brasil, reconhecendo-o como um processo violento de colonização e opressão.

Cita grupos específicos que foram apagados da história oficial: mulheres (particularmente negras e indígenas), indígenas (Tamoios) e mestiços.

Referência aos povos indígenas Cariris, reconhecendo a ancestralidade e a contribuição indígena para o Brasil.

Alusão a Francisco José do Nascimento, o Dragão do Mar, que desafiou o tráfico negreiro no Ceará, simbolizando resistência e coragem.

Homenagem a quem resistiu à Ditadura Militar no Brasil, que foi marcada por repressão, tortura e censura.

Luiza Mahin, lutadora contra a escravidão na revolta dos Malês; Marielle Franco, vereadora negra, feminista e LGBT assassinada em 2018; e os malês, negros muçulmanos que se rebelaram contra a escravidão e a imposição religiosa em Salvador, em 1835.

Brasil, meu nego  
Deixa eu te contar  
A história que a história não conta  
O avesso do mesmo lugar  
Na luta é que a gente se encontra

Brasil, meu denço  
A mangueira chegou  
Com versos que o livro apagou  
Desde 1500  
Tem mais invasão do que descobrimento

Tem sangue retinto pisado  
Atrás do herói emoldurado  
Mulheres, tamoios, mulatos  
Eu quero um país que não está no retrato

Brasil, o teu nome é Dandara  
Tua cara é de cariri  
Não veio do céu  
Nem das mãos de Isabel  
A liberdade é um dragão no mar de  
Aracati

Salve os caboclos de julho  
Quem foi de aço nos anos de chumbo  
Brasil, chegou a vez  
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles,  
malês  
Mangueira, tira a poeira dos porões  
Ô, abre alas pros teus heróis de barracões  
Dos Brasis que se faz um país de Lecis,  
jamelões  
São verde- e- rosa as multidões

Os trechos revelam uma perspectiva crítica sobre a historiografia oficial, que privilegia narrativas eurocêntricas e ignora as contribuições dos povos indígenas, negros e pobres.

Reafirma o apagamento histórico promovido pelos registros oficiais. Os "versos" simbolizam narrativas orais e culturais que sobreviveram à censura e ao esquecimento.

Denúncia do massacre e da exploração dos negros, cujas histórias são relegadas a um segundo plano enquanto os "heróis emoldurados" (figuras brancas celebradas) são glorificados.

Homenagem a Dandara dos Palmares, figura negra de resistência que lutou contra a escravidão

Rejeição da narrativa que atribui a abolição da escravatura à Princesa Isabel, enfatizando que a liberdade foi conquistada por aqueles que lutaram por ela.

Os caboclos de julho eram soldados populares formados por índios, negros, sertanejos e voluntários que lutaram pela independência da Bahia. Eles foram derrotados pelas tropas portuguesas em 2 de julho de 1824.

Lecis e Jamelões representam figuras importantes da Mangueira: Leci Brandão, primeira mulher na ala de compositores, simboliza as mulheres negras do Brasil, enquanto Jamelão, grande intérprete, é uma das vozes mais marcantes da Sapucaí.



## Canção para ninar gente grande



Depois de analisarmos a letra da música “Canção para ninar gente grande”, realize a seguinte atividade:

Acesse o miro pelo Notion



ou pelo link:  
<https://www.notion.com/pt>

Selecione uma das personalidades negras homenageadas na música e faça uma pesquisa sobre a trajetória dela.

A pesquisa deve ser escrita e organizada no site “Notion”. Após isso, compartilhe com a turma a pessoa escolhida e apresente um resumo sobre sua história.



# Relato pessoal



## O que é?



Sabe quando você conta para alguém sobre algo que aconteceu com você? Tipo aquela vez que você caiu no meio da escola e fingiu que nada aconteceu? Ou quando fez uma viagem incrível e quis contar tudo nos mínimos detalhes para os amigos? Pois bem, isso já é um relato pessoal!

O gênero relato pessoal é um tipo de **texto narrativo** que descreve uma experiência, situação ou vivência do autor, geralmente de **maneira subjetiva**. Ele é caracterizado pela **forma** como o narrador compartilha seus **sentimentos, pensamentos e impressões** sobre determinado acontecimento, muitas vezes com foco em experiências íntimas ou significativas para ele.

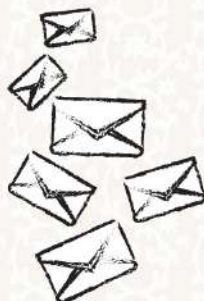
## Quais são as características?

- Subjetividade: A visão do autor sobre os acontecimentos é o centro do relato, o que faz com que o texto tenha um caráter pessoal e único.
- Narrativa em primeira pessoa: O autor geralmente utiliza pronomes pessoais como "eu" ou "meu" para narrar suas experiências de forma mais direta e envolvente.
- Expressão de sentimentos e emoções: O texto costuma refletir as reações emocionais do autor diante da experiência narrada.
- Enfoque em experiências particulares: O relato pessoal descreve vivências do autor, sem a necessidade de se basear em eventos amplamente conhecidos ou em informações objetivas.

# Relato pessoal



## Por que estudar sobre relatos pessoais?



### 5. Te faz refletir sobre a própria vida

Quando escreve sobre algo marcante da sua vida, você pode perceber como cresceu, aprendeu e mudou com aquela experiência. Isso também é uma forma de autoconhecimento.



Ótima pergunta! Estudar relatos pessoais é importante por vários motivos, e eu vou te mostrar como esse tipo de texto pode ser útil para a sua vida.

#### 1. Te ajuda a se expressar melhor

Quando você aprende a escrever relatos pessoais, melhora sua capacidade de contar histórias e organizar seus pensamentos. Isso é útil para escrever redações, falar em público e até mesmo contar uma boa história para os amigos! 😊

#### 2. Desenvolve a escrita e a criatividade

Escrever sobre experiências pessoais faz você pensar em como tornar sua história mais envolvente. Isso ajuda a desenvolver a criatividade e a escrita de maneira mais natural e fluida.

#### 3. Aumenta a empatia e a escuta ativa

Ler relatos de outras pessoas permite que você conheça diferentes experiências de vida. Isso ajuda a entender melhor os sentimentos dos outros e a enxergar o mundo de outra perspectiva.

#### 4. É útil para a escola e para o trabalho

- No trabalho, você pode precisar relatar uma experiência ou escrever um relatório sobre algo que aconteceu.
- Na vida acadêmica, relatos pessoais são usados em pesquisas e artigos, especialmente em áreas como Psicologia, História e Educação.



## Relato pessoal



O Museu da Pessoa é um espaço digital e colaborativo que enxerga as histórias de vida como ferramentas poderosas para enfrentar os desafios sociais. Acesse:



Lembra da nossa tirinha sobre racismo em locais públicos? Essa aqui:



Que tal ler na íntegra o relato pessoal de uma mãe que testemunhou diversos episódios de racismo com seu filho, inclusive a perseguição dentro de shoppings e estabelecimentos públicos:

Acesse e leia na íntegra o relato através do link ou QR code:

<https://museudapessoa.org/historia-de-vida/meu-filho-me-explicou-o-que-ser-negro/>



Após ler o relato, responda:

1. O que torna esse texto um relato pessoal? Quais características específicas desse gênero aparecem no relato da mãe?
2. Como o texto é organizado (introdução, desenvolvimento e conclusão)? Qual é o objetivo principal do relato?
3. Que tipo de linguagem é utilizada no relato? É formal, informal, emocional? Como isso contribui para transmitir a mensagem da autora?
4. Identifique palavras ou expressões que mostram sentimentos intensos, como raiva, indignação, amor, dor. Como o uso dessas palavras enriquece o relato?
5. Como o uso da primeira pessoa contribui para a construção de uma narrativa mais íntima e pessoal? Quais passagens do texto evidenciam isso?
6. De que maneira o relato pessoal é utilizado como um instrumento de denúncia e crítica social?

# Gêneros do Discurso

## O que são gêneros do discurso?

Gêneros são formas de **organização da linguagem** que possuem **características próprias** quanto à **estrutura, estilo e função**, e que emergem das **práticas sociais** para atender às necessidades comunicativas de diferentes contextos. Eles são **dinâmicos**, variando e se adaptando conforme as situações de comunicação e os propósitos dos falantes.

Exemplos incluem: relato pessoal, entrevista, artigo científico, diário, palestra, documentário, carta, entre outros.

## Por que estudar sobre eles?

- **Compreensão da Comunicação:** Ao entender os gêneros textuais, podemos compreender melhor como as pessoas se comunicam e se organizam socialmente por meio da linguagem.
- **Produção Textual Adequada:** Auxilia na produção de textos apropriados para diferentes contextos e objetivos, considerando as expectativas e convenções de cada gênero.
- **Análise Crítica:** Permite identificar como as relações de poder, ideologias e visões de mundo se manifestam por meio dos diferentes gêneros textuais.
- **Ensino e Aprendizagem:** É fundamental para o ensino de língua, pois promove a reflexão sobre as práticas discursivas e a ampliação das competências comunicativas.
- **Dialogismo e Intertextualidade:** O estudo dos gêneros revela como os textos se relacionam e dialogam uns com os outros, algo central na teoria bakhtiniana.

Mikhail Bakhtin nasceu na Rússia em 1895, em um período de grandes transformações culturais, políticas e sociais. Ele viveu durante o auge da Revolução Russa de 1917 e o subsequente regime soviético. Seu trabalho foi inicialmente marginalizado, e Bakhtin passou boa parte de sua vida em relativa obscuridade. Parte de seu trabalho só foi divulgado após sua morte, mas, ao longo do tempo, sua importância foi sendo reconhecida, e ele se tornou uma figura central nos estudos da linguagem e da literatura. Segundo Bakhtin, os gêneros discursivos são formas relativamente estáveis de enunciados que circulam na comunicação cotidiana e cultural. Vamos conhecer um pouco mais sobre suas ideias:

# Gêneros do Discurso



## Saiba quais foram as principais ideias de Bakhtin



Bakhtin acreditava que a linguagem não existe de maneira abstrata ou isolada, mas sempre em situações comunicativas concretas. Os gêneros discursivos são formas de comunicação que surgem dessas situações, com objetivos e funções sociais bem definidas. Eles não são apenas categorias gramaticais ou linguísticas, mas manifestações de práticas sociais.

Exemplo: Um gênero discursivo pode ser o relato pessoal, que é uma maneira de expressar experiências e vivências de forma narrativa, geralmente no contexto de um diálogo ou uma experiência comunicativa.



Bakhtin postulou que toda linguagem é dialógica, ou seja, está em constante interação com outros enunciados. Um enunciado (ou texto) só tem sentido quando é colocado em diálogo com outros enunciados, seja de forma direta ou indireta. Para Bakhtin, a linguagem nunca é "neutra"; ela carrega as marcas dos interlocutores e das expectativas sociais de um dado contexto.

O dialogismo está presente em todos os gêneros discursivos, pois cada gênero é uma resposta a outros gêneros e a demandas comunicativas. Por exemplo, um documentário como gênero tem um papel de responder a questões sociais, culturais ou políticas, estabelecendo um diálogo com a audiência e com outras formas de representação.



O conceito de heteroglossia (ou "múltiplas vozes") descreve a coexistência de diferentes formas de linguagem, estilos e pontos de vista em um único discurso ou em um contexto social mais amplo. Bakhtin via isso como uma característica essencial da linguagem humana, que é pluriforme e diversa.

Nesse sentido, cada gênero discursivo contém uma variedade de vozes, estilos e registros, que são influenciados por diferentes contextos sociais e grupos discursivos. Por exemplo, em um gênero como o relato pessoal, podemos encontrar diferentes vozes que refletem aspectos individuais, sociais e até culturais, de modo que a heteroglossia torna o gênero mais complexo e plural.



Bakhtin fez uma distinção entre gêneros primários e gêneros secundários.

Gêneros primários são aqueles mais ligados à comunicação cotidiana, espontânea e mais informal (como conversas, diálogos, mensagens informais).

Gêneros secundários são mais complexos e frequentemente institucionalizados, surgindo em contextos mais formais ou específicos, como artigos científicos, ensaios, documentários e discursos públicos.

Essa distinção é útil para entender como diferentes formas de comunicação se estabelecem dentro da sociedade. Gêneros primários e secundários têm funções diferentes, e ao estudar essas diferenças, podemos analisar como a linguagem e o discurso variam de acordo com o contexto e o objetivo comunicativo

# Gêneros do Discurso



## GÊNEROS PRIMÁRIOS



### Aprofundando

Os gêneros primários surgem da interação cotidiana e imediata entre as pessoas. Eles são formados em situações comunicativas espontâneas, sem grandes elaborações formais. Embora frequentemente sejam orais, também podem ser escritos em contextos informais.

Características típicas:

- Espontaneidade: Produzidos sem planejamento prévio.
- Simplicidade estrutural: Forma simples e curta, geralmente adequando-se ao contexto imediato.
- Personalização: Muitas vezes refletem a subjetividade e a individualidade do emissor.
- Interatividade: Os interlocutores costumam ter acesso imediato e direto à mensagem, podendo reagir e responder prontamente.

Exemplos incluem: Diálogos diários, Cartas pessoais, Anedotas ou piadas contadas oralmente, Bilhetes

Esses gêneros são formados em contextos sociais autênticos e têm como principal característica sua conexão direta com o cotidiano, sendo moldados pelo ambiente em que ocorrem. Eles contrastam com os gêneros secundários, que tendem a ser mais formais e desenvolvidos em esferas culturais mais elaboradas, como a literatura e a ciência.



## GÊNEROS SECUNDÁRIOS

Os gêneros secundários são aqueles que surgem em condições de comunicação cultural mais complexas e desenvolvidas, especialmente na esfera cultural, artística, científica e filosófica. Eles são constituídos por outros gêneros menores e mais simples (gêneros primários), que são reorganizados e ressignificados em novos contextos comunicativos. Essa integração mostra que os gêneros não existem isoladamente, mas se relacionam e se transformam na prática social.

Características principais dos gêneros secundários:

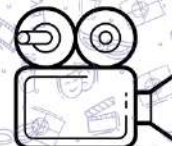
- Complexidade estrutural: Podem combinar e reorganizar gêneros primários em um todo coerente.
- Finalidade estética, cultural ou científica: Diferente dos gêneros primários que são mais cotidianos e espontâneos.
- Maior elaboração e planejamento: Não surgem de interações imediatas, mas de contextos mais elaborados.

Exemplos incluem: Romances, Peças teatrais, ensaios científicos e biografias

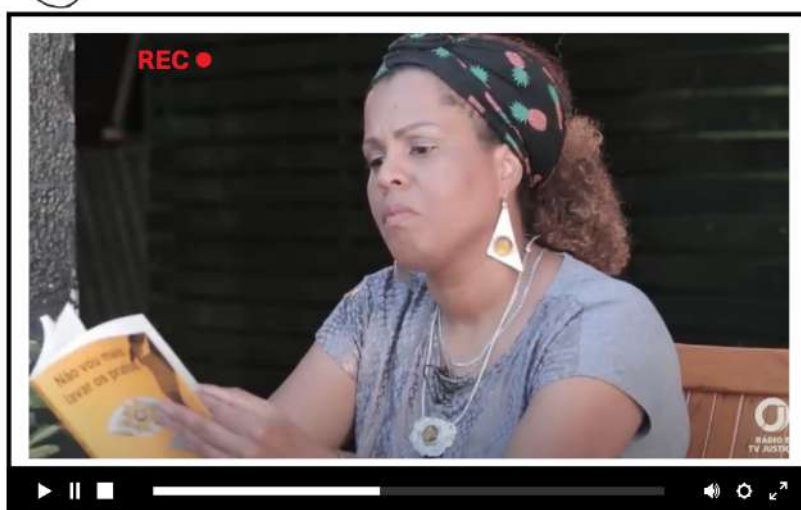
Agora que sabemos tudo isso, vejamos dois exemplos práticos dessas relações de gênero:

## Consciência Negra

O documentário explora a trajetória de pessoas negras no Brasil, destacando sua resistência histórica e a contínua luta por igualdade e reconhecimento social.



Abaixo está o documentário “Consciência Negra”, que traz vários relatos de pessoas negras e suas vivências no Brasil. Após assistir, responda:

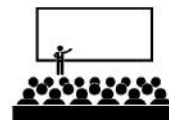


ou pelo link  
<https://www.youtube.com/watch?v=wbNv--cnkAA>



1. O que caracteriza o gênero documentário em comparação a outros gêneros audiovisuais, como ficção e reportagem?
2. Qual é a importância dos relatos pessoais nesse documentário?
3. Quais são os principais objetivos deste documentário? Como ele busca apresentar a realidade?
4. Como as imagens e o som no documentário colaboram com a narrativa verbal para construir significado? Pode citar algum exemplo de como a imagem ajudou a esclarecer ou enfatizar a mensagem?

## Relato pessoal dentro do gênero palestra



Abaixo está a palestra “O perigo de uma única história” da escritora Chimamanda Adichie. Após assistir, responda:

Assista o vídeo abaixo e responda:



<https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg&t=120s>

1. Quais recursos linguísticos (repetições, perguntas retóricas, humor, metáforas, etc.) são empregados para persuadir e envolver o público? Cite exemplos.
2. Como a palestrante usa exemplos pessoais e histórias para ilustrar seu argumento?
3. Qual é o propósito principal da palestra e como ele é comunicado ao longo do discurso?
4. De que forma o cenário e os recursos visuais influenciam a recepção da mensagem?
5. Como os relatos pessoais de Chimamanda Adichie contribuem para a construção de um argumento mais amplo sobre identidade, poder e representação?



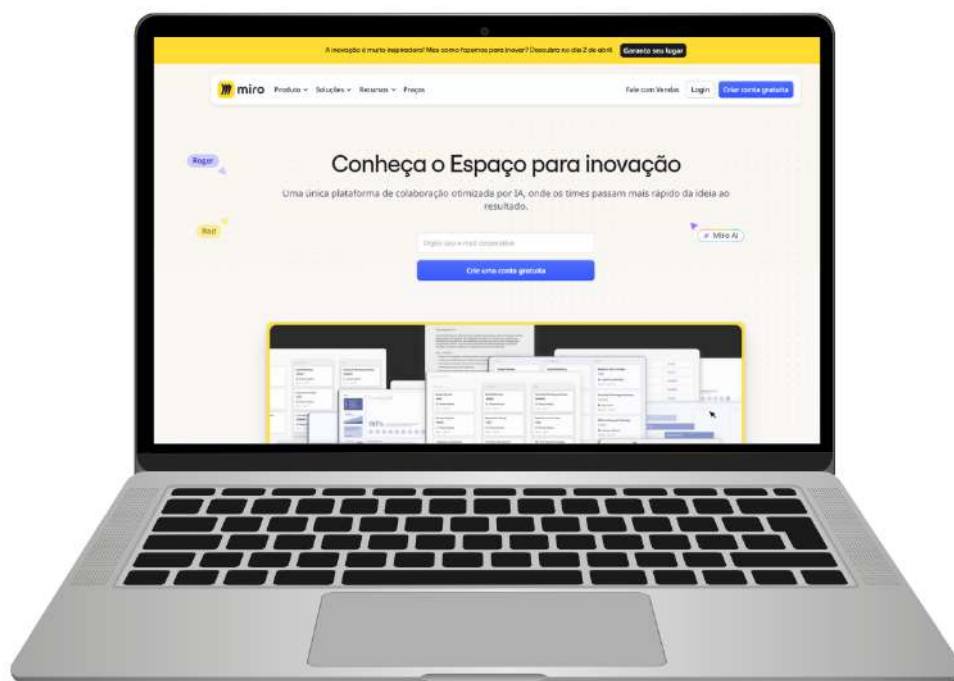
Depois de aprendermos os conceitos de gêneros textuais, as definições de de gêneros primário e secundário e suas relações com o gênero relato pessoal e os gêneros palestra e documentário, faça a seguinte atividade:

Acesse o miro pelo QR code:



ou pelo link:  
<https://miro.com/pt/>

Reúna os conhecimentos explicitados até sobre gênero primário e secundário e faça um mapa mental pela plataforma Miro. O mapa deve trazer outros gêneros (além do relato pessoal, palestra e documentário) e exemplos reais. Ao final compartilhe entre os colegas a sua criação!



## Hora da ação!

É hora de colocar em prática tudo que foi aprendido e fazer o seu relato, contando a sua história!



### Agora é sua vez!

A desigualdade racial é uma ferida aberta em nossa sociedade, um tema que clama por reflexão e ação. Para aprofundarmos nossa compreensão sobre a questão, realizaremos uma atividade envolvendo a temática racial e exercitando tudo que aprendemos ao longo do protótipo.

Vocês devem escolher um dos seguintes gêneros e realizar as atividades:



Um pequeno documentário em grupo: Reúna-se com alguns colegas e criem um documentário sobre a temática da desigualdade no Brasil. O documentário deve ter pelo menos um relato pessoal, apresentado em forma de vídeo e deve seguir as características do gênero.



Palestra: A palestra deve discutir a mesma temática e, também, trazer pelo menos um relato pessoal, que será apresentado por um vídeo durante a palestra, um relato pessoal escrito do palestrante ou de outra pessoa.

O relato pessoal é uma oportunidade de contar uma história e refletir sobre o que ela significou para quem a fez.

Então, mãos à obra! Abram o coração, soltem a criatividade e deixem que as suas histórias inspirem e emocionem a todos nós.



Bom trabalho!



## Anexo I -matérias jornalísticas

27/03/2015 10h21 – Atualizado em 27/03/2015 20h29

### Polícia prende jovens de classe média com 300 kg de maconha no Rio

Eles foram presos num estacionamento de um prédio na Tijuca.

Delegado tenta identificar outros integrantes da quadrilha

Policiais da 25ª DP (Engenho Novo) prenderam em flagrante, nesta quinta-feira (26), os jovens Pedro Henrique Sequeira e Thyago Barcellos Teixeira. Com eles foram apreendidos cerca de 300 quilos de maconha, duas pistolas, quatro carregadores e um carro Hyundai Santa Fé.

Segundo informações da assessoria da Polícia Civil, eles foram presos no estacionamento de um prédio na Tijuca, na Zona Norte.

De acordo com informações do delegado titular da 25ª DP Níandro Ferreira, os rapazes são apontados como integrantes de uma quadrilha de jovens de classe média, que atua no tráfico de drogas do Engenho Novo e Méier, no Subúrbio, e Tijuca, na Zona Norte.

Ainda segundo o delegado, as investigações estão em andamento para identificar outros integrantes da quadrilha. Pedro Henrique e Thyago foram autuados em flagrante por tráfico de drogas e porte ilegal de arma de uso restrito.



Jovens presos com cerca de 300 quilos de maconha, na Tijuca (Foto: Divulgação/ Polícia Civil)

[https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/03/policia-prende-jovens-de-classe-media-com-300-kg-de-maconha-no-rio.html#:~:text=Policiais%20da%2025%C2%AA%20DP%20\(Engenho,um%20carro%20Hyundai%20Santa%20F%C3%A9.](https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/03/policia-prende-jovens-de-classe-media-com-300-kg-de-maconha-no-rio.html#:~:text=Policiais%20da%2025%C2%AA%20DP%20(Engenho,um%20carro%20Hyundai%20Santa%20F%C3%A9.)

### Polícia prende dupla de traficantes que portava 10 Kg de 'supermaconha' na zona Oeste de Boa Vista

Investigação revelou a atuação da dupla em três bairros da capital, chefiando pontos de vendas de entorpecentes.

Gerlâ Gomes Feitosa e Flávio Soares de Oliveira, de 22 e 25 anos, foram presos por envolvimento com tráfico de drogas em uma casa no bairro São Bento, zona Oeste de Boa Vista. Com eles foram apreendidos dez quilos de skunk, a "supermaconha", dinheiro e materiais para embalar a droga. A ação, que ocorreu nessa quarta-feira (2), contou com o apoio de policiais civis e agentes da Divisão de Inteligência e Captura (Dicap).

A investigação revelou ainda a atuação da dupla em três bairros da capital. Eles chefiavam pontos de vendas de entorpecentes no São Bento, Bela Vista e Nova Cidade, todos na zona Oeste.

Segundo o delegado titular da Delegacia e Repressão a Entorpecentes (DRE), Leonardo Barroncas, as investigações apontaram que Gomes Feitosa seria o "chefe do tráfico" e, com a ajuda de Soares de Oliveira, coordenava a venda de drogas.

Conforme Barroncas, Soares de Oliveira participava como funcionário e recebia salário pelo trabalho. A dupla obtinha a média de dez quilos de entorpecentes por mês, fazia a distribuição nos pontos de vendas e depois recolhiam o dinheiro.



Dupla entaua com droga guardada dentro de uma residência — Foto: Polícia Civil

## Anexo I -matérias jornalísticas

Por G1 RR — Boa Vista  
03/01/2019 12h36 Atualizado há 6 anos

Com o dinheiro proveniente no crime eles compravam veículos, que depois eram revendidos. "Eles lavavam o dinheiro apurado com a droga comprando veículos, para, assim, continuarem com a atuação criminosa no intuito de não chamar a atenção da polícia. Esse local onde apreendemos a droga era uma espécie de depósito. De lá os entorpecentes eram distribuídos aos pontos de vendas", detalha Barroncas.

### **Droga estava em residência**

A dupla foi presa na casa de Soares de Oliveira, de acordo com a polícia. Na ocasião, eles faziam atendimento por uma espécie de "disque-drogas". Durante a abordagem, Gomes Feitosa tentou fugir, mas foi contido. Ele ainda tentou inutilizar o celular que portava.

Na residência foram recolhidos 17 papétes de drogas com aproximadamente dez quilos de skunk. Também foram apreendidos uma balança digital, um simulacro de arma de fogo tipo pistola, dois celulares, apetrechos para embalar drogas e a importância de R\$ 1, 360 mil.

O dinheiro, afirmou a polícia, estava em poder de Gomes Feitosa. Soares de Oliveira confessou ter recebido do comparsa uma maleta de drogas no dia 1º de janeiro para que fosse guardada.

Com as vendas ele receberia a importância de R\$ 100 por diária. O outro envolvido disse que só falaria em juízo e negou o crime de tráfico.

Os dois foram autuados em flagrante pelos crimes de tráfico de drogas e associação para o tráfico de drogas e conduzidos para audiência de custódia.

## Anexo II - Violência Policial

### A cada 23 minutos, um jovem negro é assassinado no Brasil, diz CPI

Fernanda da Escóssia

Role, Do Rio de Janeiro para a BBC Brasil

6 junho 2016

Depois que você terminar de ler este texto e tomar um cafezinho, um jovem negro terá sido morto no Brasil. É este o país que salta do relatório final da CPI do Senado sobre o Assassinato de Jovens, que será divulgado esta semana em Brasília: todo ano, 23.100 jovens negros de 15 a 29 anos são assassinados. São 63 por dia. Um a cada 23 minutos.

A CPI toma por base os números do Mapa da Violência, realizado desde 1998 pelo sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz a partir de dados oficiais do Sistema de Informações de Mortalidade do Ministério da Saúde. O último Mapa é de 2014 e contabiliza os homicídios de 2012: cerca de 30 mil jovens de 15 a 29 anos são assassinados por ano no Brasil, e 77% são negros (soma de pretos e pardos).

Depois de sete meses de trabalho, com 21 audiências públicas em sete Estados brasileiros, o relatório do senador Lindbergh Farias (PT-RJ) apresenta um diagnóstico amplo, com números e pesquisas de várias fontes e períodos.

Cataloga histórias recentes e de ampla repercussão, como a de Eduardo de Jesus, de 10 anos, morto por um policial militar no Complexo do Alemão, zona norte do Rio, em abril de 2015. Recupera outras já quase esquecidas, como a de Ana Paula Santos, morta em 2006 em Santos, São Paulo, aos 20 anos, quando estava grávida de nove meses. O marido dela e o bebê também foram assassinados.



ACERVO PESSOAL  
Eduardo de Jesus, 10, foi morto por policial no Complexo do Alemão

"Dudu me disse: Mãe, minha irmã Patrícia está quase chegando, vou esperar na varanda de casa. Eu disse: Vai, filho. Ele foi esperar a irmã e nunca voltou. Logo depois ouvi o estouro, a gritaria, e vi meu filho caído sem vida. Era um menino saudável, ótimo aluno", relembra a diarista Terezinha Maria de Jesus, mãe de Eduardo.

### Um milhão de mortes

Especialistas costumam usar a palavra epidemia para se referir à mortandade de jovens no Brasil, especialmente de jovens negros. De acordo com o Mapa da Violência, a taxa de homicídios entre jovens negros é quase quatro vezes a verificada entre os brancos (36,9 a cada 100 mil habitantes, contra 9,6). Além disso, o fato de ser homem multiplica o risco de ser vítima de homicídio em quase 12 vezes.

Weiselfisz adiantou à BBC Brasil dados preliminares do Mapa que será divulgado este ano: de 1980 a 2014, o número de mortes por arma de fogo no Brasil soma quase um milhão. Entre 1980 e 2014 morreram 967.851 pessoas vítimas de disparo de arma de fogo, sendo 85,8% por homicídio.

"Entre 1980 e 2014 os homicídios cresceram 592,8%, setuplicando sua incidência", analisa o sociólogo.

Em entrevista por e-mail, por intermédio de sua assessoria, o senador Lindbergh Farias diz que "o principal destaque da CPI foi reconhecer aquilo que os movimentos negros, sobretudo de jovens, vêm dizendo há muito tempo: um verdadeiro genocídio da nossa juventude negra".

"A cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil. Isso equivale à queda de mais de 150 jatos, cheios de jovens negros, todos os anos. Genocídio da população negra é a expressão que melhor se enquadra à realidade atual do Brasil", afirma.

## Anexo II -Violência Policial



Relatório recomenda unificação de polícias militar e civil, entre outras medidas.

### Autos de resistência

A CPI destaca a responsabilidade do Estado, seja por ação ou omissão. "Em um ambiente onde a omissão do poder público suscita o aparecimento de grupos organizados de traficantes, bem como de milícias, os índices de violência contra a juventude negra atingem o paroxismo. De outro lado, o crescimento da violência policial contra esses jovens também é uma chocante realidade. Situações envolvendo a morte de jovens negros, sobretudo aquelas cujas justificativas da ação policial se apoiam nos chamados autos de resistência", afirma o relatório.

Autos de resistência são, com variações de nomenclatura de um Estado brasileiro para outro, registros de mortes ocorridas em supostos confrontos nos quais o policial afirma ter atirado para se defender.

Em caso de resistência à prisão, o Código de Processo Penal autoriza o uso de quaisquer meios para que o policial se defenda ou vença a resistência. Determina também que seja lavrado um auto, assinado por duas testemunhas - daí o nome auto de resistência. Muitas vezes, tais registros escondem execuções em "confrontos" que nunca aconteceram.

Pesquisa do Fórum Brasileiro de Segurança Pública aponta que, entre 2009 e 2013, as polícias brasileiras mataram 11.197 pessoas em casos listados como autos de resistência - seis mortes por dia, sabendo que o total é subnotificado, pois alguns Estados não repassaram dados ao FBSP.

O relatório também cita uma pesquisa do sociólogo e professor da UFRJ Michel Misse realizada em 2005, no Rio de Janeiro, indicando que, entre os inquéritos de autos de resistência, 99,2% foram arquivados ou nunca chegaram à fase de denúncia.

O delegado de Polícia Civil Orlando Zaccane fez dos autos de resistência o tema sua tese de doutorado em Ciência Política defendida na UFF (Universidade Federal Fluminense).



Terezinha de Jesus, mãe de Eduardo, aguarda julgamento de policial

Ao analisar 314 casos de auto de resistência de 2003 a 2010 no Rio, Zaccane aponta a responsabilidade não só da polícia, mas também do Ministério Público, na construção de uma rotina em que a maior preocupação é saber se o morto era ou não ligado ao tráfico - em vez de esclarecer as circunstâncias de sua morte.



Casos de 'autos de resistência' podem esconder execuções

## Anexo II - Violência Policial

"A folha de antecedentes penais do morto é usada sistematicamente para pedir o arquivamento. Várias instituições se articulam nesse processo, o que caracteriza uma política de Estado na qual se admite que há pessoas extermináveis", analisa Zaccone.

A criação de um protocolo único para registrar autos de resistência está entre as recomendações do relatório final da CPI, assim como a criação de um banco de dados nacional com indicadores consolidados e sistematizados de violência.

A unificação das Polícias Militar e Civil é outra recomendação. O relator da CPI, Lindbergh Farias, destaca as linhas de atuação no Congresso: implementação do Plano Nacional de Enfrentamento ao Homicídio de Jovens, sugerido em comissão especial da Câmara; aprovação do projeto de lei 4.471/2012 - que extingue os autos de resistência, determina a abertura de inquérito e abre a possibilidade de prisão em flagrante do policial em caso de auto de resistência; aprovação da PEC 51 (que, entre outras medidas, desmilitariza e unifica as polícias).

"Toda polícia deve realizar o ciclo completo do trabalho policial (preventivo, ostensivo, investigativo). Sepulta-se, assim, a jabuticaba institucional: a divisão do ciclo do trabalho policial entre militares e civis. Esta é uma batalha que teremos à nossa frente no Congresso", afirma Lindbergh.

A PEC 51 e o projeto que extingue os autos de resistência enfrentam a oposição de parlamentares mais ligados a corporações policiais. Muitos argumentam que o projeto 4.471 pode acabar amedrontando o policial que está em campo, em confronto real com criminosos.



"Há um genocídio da juventude negra", diz relator da comissão, Lindbergh Farias

Um dos pontos abordados pela CPI é justamente o alto número de mortes de policiais brasileiros, que acabam sendo não só os principais agentes, mas também vítimas da violência. Segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública citados pela CPI, só em 2013 foram assassinados em serviço quase 500 policiais.

Questionado pela BBC Brasil, o corregedor da PM do Rio, coronel Welste Medeiros, afirmou que a corporação não se omite em apurar crimes de seus membros e tem buscado soluções para otimizar investigações de crimes cometidos por policiais.

Entre elas, destaca parcerias com o Ministério Público, ampliação da atuação da corregedoria da PM e realização de projetos com universidades para análise dos dados de violência policial.

Foi criado o Programa de Gestão do Uso da Força e da Arma de Fogo, por meio do qual os policiais que mais fizeram disparos de armas de fogo nos últimos seis meses são identificados e submetidos a um programa de treinamento que inclui desde simuladores de tiros até avaliação psicológica e metodologia de abordagem de pessoas e veículos.

### 'A gente vira número'

A CPI jogou luz também sobre um tema pouco discutido, as mortes de jovens infratores abrigados em unidades para ressocialização. Na audiência pública realizada em 15 de junho de 2015, foram apresentados os dados oficiais do Sinase (Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo): em 2013, 29 adolescentes infratores morreram sob custódia do Estado.

A causa mais comum das mortes foi o "conflito interpessoal" (59% do total), seguido de conflito generalizado (17%) e de uma proporção estonteante de suicídios dentro do sistema - 14%. O país tem cerca de 24 mil adolescentes em "situação de privação de liberdade", ou seja, mantidos em unidades para ressocialização. Segundo o Sinase, 57,41% deles são pretos ou pardos, enquanto em 17,15% dos casos não houve resposta sobre cor ou raça.

País afora, mães negras choram o assassinato dos filhos. Débora Maria Silva, mãe do gari Édson Rogério Silva dos Santos, ainda não viu alguém ser responsabilizado pela morte dele, em maio de 2006, em Santos.

Segundo o relatório da CPI, ele foi um dos mais de 400 mortos numa onda de violência na região iniciada depois que uma facção criminosa assassinou 43 agentes do Estado. Na sequência, uma forte repressão policial fez outras vítimas. De acordo com testemunhas, Édson foi abordado por policiais num posto de gasolina, seguido e assassinado.

## Anexo II -Violência Policial

"Fiquei até doente depois que ele morreu. Um dia sonhei com meu filho, como uma visão, e ele me dizia: Mãe, vai lutar pelos vivos", conta Débora, que se tornou uma ativista e criou o movimento Mães de Maio, agregando mães de jovens assassinados na região em 2006.

A ela se juntaram várias outras mães que perderam seus filhos, como Vera Lúcia Santos, mãe de Ana Paula Santos, a jovem assassinada grávida. "Depois de quase dez anos, a gente vai perdendo a esperança. A gente vira número, vira tese. E mais gente continua morrendo. A impressão é de que é um mês de maio contínuo", lamenta Vera Lúcia. Terezinha de Jesus, mãe do menino Eduardo, foi embora do Rio depois de receber ameaças anônimas de morte. A investigação da Polícia Civil concluiu que os policiais militares agiram em legítima defesa, mas o Ministério Público não concordou e denunciou pelo crime um policial, que irá a julgamento.

Terezinha agora divide o tempo entre o acompanhamento do caso e os cuidados com o restante da família. Ela tem mais quatro filhos e quatro netos, entre eles o novo Eduardo da casa: um bebê de cinco meses e olhos redondos como os do tio. É filho de Patrícia, a irmã que Eduardo de Jesus esperava na varanda de casa quando foi morto.



DIVULGAÇÃO/MÃES DE MAIO

Debora criou movimento que une mães de jovens assassinados em 2006



## Anexo III - Música “A carne”

Compositores: Jorge Mario Da Silva / Pedro Aznar / Marcelo Fontes Do N. V. De Santana / Ulisses Cappelletti Tassano  
Letra de A Carne © Warner/chappell Edicoes Musicais Ltda, Universal Music Publishing Ltda.

A carne mais barata do mercado  
É a carne negra  
(Tá ligado que não é fácil, né, mano?)  
Se liga aí  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
(Só-só cego não vê)  
Que vai de graça pro presídio  
E para debaixo do plástico  
E vai de graça pro subemprego  
E pros hospitais psiquiátricos  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
(Dizem por aí)  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
Que fez e faz história  
Segurando esse país no braço, meu irmão  
O cabra que não se sente revoltado  
Porque o revólver já está engatilhado  
E o vingador eleito  
Mas muito bem intencionado  
E esse país vai deixando todo mundo preto  
E o cabelo esticado  
Mas mesmo assim ainda guarda o direito  
De algum antepassado da cor  
Brigar sutilmente por respeito  
Brigar bravamente por respeito  
Brigar por justiça e por respeito (pode acreditar)  
De algum antepassado da cor  
Brigar, brigar, brigar, brigar, brigar  
Se liga aí  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
(Na cara dura, só cego que não vê)  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
(Na cara dura, só cego que não vê)  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
(Tá, tá ligado que não é fácil, né, né mano?)  
Negra, negra  
Carne negra  
É mano, pode acreditar  
A carne negra

# APRESENTAÇÃO

Prezados professores,

Este material didático foi concebido como uma ferramenta pedagógica flexível para o trabalho com gêneros discursivos na perspectiva bakhtiniana, integrando o desenvolvimento de competências linguísticas com uma reflexão crítica sobre a desigualdade racial. A proposta articula teoria e prática, combinando o estudo da linguagem com a análise de questões sociais relevantes.

Os objetivos centrais do protótipo são: desenvolver a capacidade de análise crítica de recursos multimodais como ferramentas de construção de sentido; compreender os gêneros discursivos em sua dimensão social e dialógica; estudar as especificidades do relato pessoal e suas manifestações em entrevistas e palestras; e promover a compreensão aprofundada da temática da desigualdade racial, estabelecendo conexões históricas e sociais.

A metodologia proposta baseia-se em três eixos principais: o trabalho colaborativo em pequenos grupos, que estimula o diálogo e a troca de ideias; a utilização integrada de plataformas digitais como Notion, Miro e Google Docs, que facilitam a produção e análise de materiais; e a abordagem comparativa entre diferentes manifestações discursivas, sempre contextualizadas historicamente.

Entre as sugestões práticas de trabalho incluem-se: a análise de depoimentos pessoais sobre experiências raciais em diferentes períodos históricos, permitindo observar a evolução do discurso sobre o tema; o estudo comparativo de pronunciamentos políticos sobre ações afirmativas, identificando estratégias argumentativas; a produção de textos opinativos fundamentados em dados históricos e sociais, desenvolvendo a capacidade de argumentação; e a criação de materiais multimodais que articulem diferentes linguagens, ampliando as possibilidades expressivas.

O material foi concebido para ser adaptável a diferentes realidades educacionais. Cada atividade pode e deve ser ajustada considerando quatro fatores essenciais: o nível de letramento digital dos alunos, os recursos tecnológicos disponíveis na escola, o contexto sociocultural da comunidade escolar e os objetivos específicos de cada turma. Essa flexibilidade permite que o professor faça as adequações necessárias sem perder de vista os objetivos de aprendizagem.

Como proposta aberta, este protótipo pretende ser um ponto de partida para um trabalho pedagógico que alia o desenvolvimento das competências linguísticas à formação de uma consciência crítica sobre questões sociais relevantes. Acreditamos que, com sua mediação e expertise, estas atividades poderão ganhar ainda mais significado para seus alunos.

# Índice

## Unidade 1. Desigualdade racial

Nesta unidade, vamos refletir sobre a desigualdade racial no Brasil, compreendendo como ela se manifesta historicamente e na sociedade atual. Partindo de textos diversos — notícias, memes, tirinhas, dados estatísticos —, vamos analisar como o racismo estrutural impacta diferentes esferas da vida social, entre elas o trabalho, a sociabilidade e a comunicação. O objetivo desta unidade é proporcionar uma visão crítica sobre as raízes e consequências da disparidade racial, incentivando o desenvolvimento de fundamentos reais sobre a temática e o combate às injustiças raciais.

## Unidade 2. O gênero relato pessoal

Nesta unidade, os estudantes serão levados a compreender o gênero relato pessoal, analisando suas características, estrutura, linguagem e função social. Também será realizada a análise detalhada de um relato pessoal para ilustrar essas características e funções. Além disso, vamos explorar como o relato pessoal pode ser uma ferramenta poderosa de denúncia, resistência e conscientização.

## Unidade 3. Gêneros do discurso

Nesta unidade, os estudantes serão introduzidos aos conceitos de gêneros do discurso, com foco na distinção entre gêneros primários e secundários. Serão analisados dois gêneros específicos, a palestra e o documentário, discutindo suas características, funções sociais e estruturas. Ademais, haverá uma atividade em que serão convidados a perceber a relação de gênero primário e gênero secundário por meio do relato pessoal e dos gêneros palestra e documentário.

## Unidade 4. Hora da ação!

Agora, os alunos serão convidados a fazer suas próprias produções envolvendo a temática da desigualdade racial, escolhendo entre dois gêneros possíveis: documentário e palestra. Há, também, a necessidade de haver, ao menos, um relato pessoal.

## Anexos

Todas as matérias, artigos e conteúdos estão anexos no caso de alguma dessas páginas da Web saírem do ar

## Minoria na cor, maioria na Dor: O Brasil desde a escravidão até o surgimento do mito da democracia racial



Mural do Negro Muro

No final do século XIX e início do século XX, intelectuais brasileiros, como Gilberto Freyre, começaram a promover a ideia de que no Brasil havia uma "democracia racial", em que diferentes raças conviviam harmoniosamente. Essa narrativa foi consolidada em obras como "Casa-Grande & Senzala" (1933), que romantizou a miscigenação como um fator positivo e único da cultura brasileira. Nessa época, o Brasil adotou políticas de imigração que privilegiavam a chegada de europeus, especialmente italianos, alemães e portugueses. Essas políticas eram baseadas em teorias racistas e eugênicas que defendiam a "superioridade" da raça branca.

Nesse contexto, surge o mito da democracia racial, uma ideologia que promove a falsa ideia de que o Brasil seria uma nação miscigenada em que não existem desigualdades raciais significativas. Esse discurso, amplamente difundido ao longo do século XX, tentou vender a imagem de uma convivência pacífica e harmônica entre brancos, negros e indígenas. A mestiçagem, muitas vezes enaltecida como prova de uma sociedade sem racismo, foi usada como justificativa para esconder as profundas desigualdades existentes.

O mito da democracia racial foi essencialmente uma estratégia para silenciar as reivindicações da população negra. Ao negar a existência de discriminação racial, o sistema dificultou a organização de movimentos sociais negros e invisibilizou as denúncias de desigualdade.

Mesmo com o avanço de debates e políticas públicas nas últimas décadas, o mito da democracia racial ainda influencia a maneira como o racismo é percebido e tratado no Brasil. A ideia de que vivemos em uma sociedade racialmente harmoniosa contribui para minimizar a gravidade da desigualdade e para deslegitimar as demandas por reparação histórica e igualdade de oportunidades.

## Violência implícita

A tirinha escancara a violência mais difícil de ser combatida e denunciada: a violência não verbal



Navegue pelo site "Mina do HQ" e descubra muitas outras tirinhas.



1. O que está acontecendo nas duas cenas da tirinha?
2. Qual é a diferença na abordagem das personagens em cada quadro?
3. O que significa a expressão "Privilegio racial" no contexto da tirinha?
4. Como as expressões faciais e corporais dos personagens ajudam a entender a mensagem do quadrinho?
5. Como a recorrência de ações como as demonstradas na tirinha impactam na sociedade?



### Hora do Debate!

Formem grupos e conversem sobre as seguintes questões:

1. Você já presenciou ou viveu algo parecido? Como se sentiu?
2. Por que algumas pessoas são tratadas de maneira diferente em espaços públicos?
3. Como podemos combater essa desigualdade no nosso dia a dia?



Respeite as filas dos colegas, escute com atenção e exponha suas ideias de forma clara e respeitosa.

2

#### Respostas possíveis:

1. A tirinha retrata duas situações contrastantes dentro de uma loja. No primeiro quadro, um cliente branco escolhe roupas tranquilamente e interage com uma vendedora sorridente. No segundo quadro, um cliente negro está na mesma situação, mas, em vez de receber um atendimento amigável, é observado de perto por um segurança, demonstrando um contraste no tratamento.
2. A abordagem no primeiro quadro é acolhedora: a vendedora se dirige ao cliente branco com um sorriso e oferece ajuda. Já no segundo quadro, não há esse atendimento cordial; em vez disso, o cliente negro é observado com desconfiança por um segurança, como se fosse suspeito apenas por estar na loja.
3. O termo "privilegio racial" refere-se às vantagens que algumas pessoas possuem devido à sua cor de pele. No contexto da tirinha, isso se manifesta no tratamento diferenciado dado aos dois clientes: enquanto o homem branco recebe um atendimento cordial, o homem negro é tratado com desconfiança, refletindo um padrão de racismo estrutural.
4. A vendedora no primeiro quadro tem uma expressão amigável e aberta ao interagir com o cliente branco, que parece confortável. No segundo quadro, o cliente negro tem uma expressão de surpresa e desconforto, enquanto o segurança mantém um olhar sério e observador, transmitindo vigilância e suspeita. Essa diferença reforça a crítica ao racismo presente na cena.
5. A repetição de ações como as da tirinha impacta a vida de pessoas negras de forma profunda. Psicologicamente, pode gerar estresse, ansiedade e baixa autoestima. Socialmente, cria um sentimento de exclusão e desconfiança. Economicamente, limita oportunidades profissionais e o acesso a serviços. Esses fatores perpetuam desigualdades e reforçam o racismo estrutural, tornando mais difícil a conquista de direitos iguais.

## A DESIGUALDADE RACIAL

...the first test  
...council's ability to  
...case in a federal cou  
...mal under criticism from  
...evident. And the outcome  
...ch hurt. And the outcome  
...stantial political implicat  
...tenly in denying Mr Trump  
...ammunition for his cam  
...discredit Mr Mueller  
...re and during the trial, Mr  
...ash sought to defend Mr

# Jornalismo e racismo



Antes de iniciar a discussão, sugere-se uma sondagem para perceber se esse padrão de distinção racial já havia sido observado pelos alunos. É ideal que tragam exemplos



Observe os títulos jornalísticos e as imagens associadas a cada uma das matérias e responda:

### RIO DE JANEIRO

27/03/2015 19:01 - Atualizado em 27/03/2015 19:01

## Polícia prende jovens de classe média com 300 kg de maconha no Rio

Eles foram presos em estacionamento de um prédio na Tijuca. Delegado tenta identificar outros integrantes da quadrilha

[https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/03/policia-prende-jovens-de-classe-media-com-300-kg-de-maconha-no-rio.html#:~:text=Policiais%20da%2025%C2%AA%20DIP%20\(Egenho,u m%20carro%20Hyundai%20Santa%20C3%A9](https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/03/policia-prende-jovens-de-classe-media-com-300-kg-de-maconha-no-rio.html#:~:text=Policiais%20da%2025%C2%AA%20DIP%20(Egenho,u m%20carro%20Hyundai%20Santa%20C3%A9)

RORAIMA RORAIMA

## Polícia prende dupla de traficantes que portava 10 Kg de 'supermaconha' na zona Oeste de Boa Vista

Investigação revelou a atuação da dupla em três bairros da capital, chefiando pontos de vendas de entorpecentes.

<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2019/01/03/policia-prende-dupla-de-trafficantes-que-portava-10-kg-de-supermaconha-na-zona-oeste-de-boa-vista.ghtml>



Esses são os "jovens de classe média"



Essa é a "dupla de traficantes"

1. Nos títulos das notícias, "jovens de classe média" e "dupla de traficantes" são expressões-chave. Como a escolha dessas palavras influencia a imagem que o leitor tem dos envolvidos?
2. Você percebe algum padrão de representações raciais e de classe na cobertura da mídia sobre crimes? Como a construção das narrativas em torno de crimes cometidos por brancos e negros reflete um viés racial presente nas escolhas de palavras e na forma como as notícias são estruturadas?
3. Perceba os elementos visuais e composicionais da notícia que demonstram uma diferença na descrição e tratamento de pessoas negras e pessoas brancas (tanto por parte dos redatores, quanto da própria polícia)?

### Respostas possíveis:

1. Escolha das palavras: A expressão "jovens de classe média" pode levar o leitor a associá-los a um grupo social visto como "respeitável", sugerindo que seus crimes têm motivações externas, como conflitos familiares ou pressões sociais, o que pode gerar maior empatia. Como consequência, a mídia e o público tendem a abordar esses casos com menos rigor. Por outro lado, o termo "dupla de traficantes" já evoca uma imagem negativa e criminalizada, vinculando os indivíduos a atividades ilícitas graves e deixando pouco espaço para contextualização. Palavras como "traficante" reforçam estereótipos, enquanto alternativas como "jovens envolvidos no tráfico de drogas" ou "indivíduos de classe média acusados de tráfico" manteriam a informação sem carregar os mesmos preconceitos de classe.

2. Geralmente, ao abordar crimes cometidos por pessoas brancas, especialmente aquelas da classe média, a mídia frequentemente utiliza uma narrativa que tenta entender as causas desses comportamentos, como dificuldades familiares ou influências sociais. Esse tratamento mais suave e empático sugere que esses indivíduos são, de alguma forma, vítimas de suas circunstâncias. No entanto, quando o crime é cometido por pessoas negras ou de classes populares, a cobertura tende a ser mais punitiva, muitas vezes apresentando os envolvidos como responsáveis inteiramente por suas ações, sem considerar as dinâmicas sociais e estruturais que podem ter influenciado esses atos. Além disso, as palavras e a forma como a história é construída reforçam uma visão de que os crimes cometidos por essas populações são mais "naturais" ou esperados, intensificando a criminalização de grupos marginalizados e estigmatizados pela sociedade.

3. No caso dos indivíduos de classe média, brancos, a imagem parece evitar a exposição degradante: não há algemas e, por isso, as poses são escolhidas pelos acusados, dessa forma, o tratamento parece minimizar a associação direta com o crime. Além disso, a extensão textual é bem reduzida, com poucos detalhes. Já na situação envolvendo os acusados negros, a cobertura parece ser mais invasiva — fotos com algemas e uma extensão de notícia e detalhes muito maior em relação ao acusado branco.

## A DESIGUALDADE RACIAL

### Violência policial



1. Acesse a matéria jornalística de Fernanda da Escóssia para a BBC Brasil pelo QR code

2. Analise o meme do programa de televisão "FamilyGuy"



ou pelo link <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-36461295>

1. O que o meme do "Family Guy" está tentando representar por meio do uso das cores com as etiquetas "OKAY" e "NOT OKAY"?
2. De que maneira o meme ilustra o conceito de racismo estrutural discutido no texto da matéria jornalística?
3. Como os dados do "Mapa da Violência" revelam a persistência do racismo estrutural na sociedade brasileira?
4. Qual é o impacto dos "autos de resistência" na impunidade de violência policial contra jovens negros? Por que 99,2% dos inquéritos são arquivados?

#### Sua vez!

Após responder as perguntas, reúna-se em grupo, debata as respostas entre si e realize uma investigação:

Pesquise **casos recentes** (dos últimos 5 anos) que mostram **violência contra jovens negros no Brasil**.

Traga **exemplos** de ações concretas de movimentos sociais que lutam contra o racismo e a violência policial.

Crie um cartaz digital de conscientização relacionando os dados pesquisados e os movimentos sociais:

O material deve conter:

**Título Impactante.**

**Dados Estatísticos Relevantes** (usando gráficos, se possível).

**Imagens ou Ilustrações** que representem o tema.

Imprima os cartazes e cole na sua sala de aula

4

Respostas possíveis:

1. O meme do Family Guy mostra um cartão com faixas de cores que vão do mais claro (classificado como "OKAY") ao mais escuro (classificado como "NOT OKAY"). Essa representação é uma crítica sarcástica sobre como o racismo é aplicado de forma explícita ou implícita em situações cotidianas, especialmente em abordagens policiais.

2. O meme "OKAY/NOT OKAY" exemplifica o racismo estrutural ao expor a rudeza de procedimento do policial em relação às pessoas negras, enquanto há uma atenuação para conduta dos brancos. Os dados da CPI mostram essa assimetria: jovens negros são mortos 4x mais, com 99,2% de impunidade em autos de resistência. Essa dualidade revela a hierarquização racializada do valor da vida, sustentada por instituições que tratam vidas negras como descartáveis - a essência do racismo estrutural.

3. O estudo demonstra que a taxa de homicídios de jovens negros (36,9/100 mil) é quase quatro vezes maior que a de brancos (9,6/100 mil). Essa disparidade evidencia que a violência não é aleatória, mas sim racialmente direcionada.

4. Eles funcionam como um mecanismo de impunidade, pois registram mortes em supostos confrontos sem investigação adequada. Entre 2009 e 2013, 11.197 pessoas foram mortas pela polícia sob essa justificativa, muitas delas execuções sumárias. Parece haver uma cultura de naturalização da violência policial contra negros, em que o sistema judiciário tende a aceitar a versão dos agentes sem questionar. A falta de transparência e pressão política dificultam a responsabilização.

# Racismo estrutural

Embora sejamos chamados “minoría”, carregamos nas costas o peso da maioria das injustiças.



## O que é?

O racismo estrutural é um conceito que se refere à forma como o racismo está profundamente enraizado nas estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais de uma sociedade. Diferente das manifestações explícitas de racismo individual, o racismo estrutural opera de maneira sistêmica, sendo reproduzido e perpetuado por instituições e práticas cotidianas que parecem neutras, mas que beneficiam certos grupos raciais em detrimento de outros.

## Origens e Funcionamento

O racismo estrutural tem origem em processos históricos de colonização, escravidão, exploração e segregação que estabeleceram hierarquias raciais e padrões de dominação. Estes processos foram legitimados por ideologias pseudocientíficas e discursos religiosos que justificavam a inferioridade de determinados grupos, principalmente negros e indígenas.

Mesmo após o fim formal dessas práticas, como a abolição da escravidão, as estruturas sociais permaneceram organizadas de forma a perpetuar privilégios e desigualdades baseadas em raça. O racismo estrutural é sustentado por normas sociais, leis, políticas públicas e práticas institucionais que mantêm as desigualdades raciais. Esse sistema de desigualdade é frequentemente naturalizado, fazendo com que práticas discriminatórias sejam vistas como parte da normalidade social.

Lembra quando falamos sobre as desigualdades no início do protótipo?



Vamos ver os aspectos citados em números:

## Desigualdade racial em números

### 1. Desigualdade Econômica e Rendimento

Em 2022, pretos e pardos (classificação do IBGE) recebiam, em média, 57,4% do rendimento dos brancos.

Fonte: IBGE, PNAD Contínua 2022 (IBGE, 2023).

Em 2023, a população branca apresentou taxa de desemprego de 5,9%, enquanto as de pretos (8,9%) e pardos (8,5%) superaram a média nacional.

Fonte: IBGE e Agência Brasil

Mulheres negras recebem 44% do rendimento médio dos homens brancos na mesma função. (2022)

Fonte: IBGE

### 2. Violência Policial e Encarceramento

Do total de homicídios registrados em 2022, 76,5 por cento tiveram como vítima pessoas pretas e pardas.

Fonte: Atlas da Violência e Rádio Senado

### 3. Saúde e Mortalidade

Mulheres negras têm 2,5 vezes mais risco de morrer no parto do que brancas.

Fonte: Ministério da Saúde

### 4. Representação política

Cargos no Congresso: Em 2023, apenas 24% dos deputados federais eram negros, apesar de negros serem 56% da população.

Fonte: TSE e IBGE (TSE).

### 5. Educação

Cotas raciais: Após a implementação das cotas, a presença de negros nas universidades públicas subiu de 28% (2001) para 50,3% (2023).

Fonte: ANDIFES, Censo da Educação Superior (MEC, 2023).

Pessoas negras tem mais chances de abandonarem os estudos em relação às pessoas brancas. Entre 9 milhões de pessoas que abandonaram ensino médio, 71,6% eram negras. Enquanto 27,4% eram brancas.

Fonte: PNAD contínua (IBGE 2023)

## A DESIGUALDADE RACIAL



### A carne

A letra destaca como a carne negra é historicamente explorada, subjugada e invisibilizada, remetendo à escravidão e ao preconceito que persistem na sociedade contemporânea.



Acesse o clipe e a letra pelo link:

[A Carne - Elza Soares](https://www.youtube.com/watch?v=yktrUMocIXw)

<https://www.youtube.com/watch?v=yktrUMocIXw>



Ou pelo QR code:



1. O que Elza Soares quer dizer com a frase “A carne mais barata do mercado é a carne negra”? Como essa frase se relaciona com o conceito de exploração e desvalorização das pessoas negras na sociedade?
2. Quais situações de violência e marginalização das pessoas negras são mencionadas na música?
3. A música menciona que “esse país vai deixando todo mundo preto e o cabelo esticado”. O que essa frase simboliza em relação ao processo de invisibilização e apagamento cultural?
4. De que maneira a música expressa resistência e luta por respeito e justiça? Cite um trecho que demonstra essa mensagem.
5. Como a crítica feita pela música se relaciona com o conceito de racismo estrutural? Quais elementos mostram que o racismo é um problema sistêmico e não apenas individual?

Respostas possíveis:

1. Essa frase é uma metáfora que denuncia a exploração e desvalorização das pessoas negras na sociedade brasileira. Ao dizer que a “carne negra” é a mais barata do mercado, a música critica como a população negra é tratada de forma inferiorizada, tanto no mercado de trabalho, com subempregos e baixos salários, quanto em outros aspectos sociais. Essa desvalorização também se manifesta na violência institucional, como o encarceramento em massa e os homicídios que atingem majoritariamente pessoas negras.

2. A música menciona explicitamente algumas formas de violência e marginalização:

- Encarceramento em massa: “Que vai de graça pro presídio”.
- Morte violenta: “E para debaixo do plástico” (sugestão de corpos mortos sendo cobertos por plástico).
- Exploração no trabalho: “Que vai de graça pro subemprego”.
- Transtornos psicológicos causados pela opressão: “E pros hospitais psiquiátricos”.

Essas situações representam a marginalização estrutural enfrentada por pessoas negras, reforçando a crítica de que são constantemente submetidas a situações de opressão e exclusão.

3. Essa frase denuncia a tentativa de uniformizar e apagar as características culturais e físicas da população negra, através da imposição de padrões de beleza e comportamento eurocêtricos. Ao falar sobre “deixar todo mundo preto e o cabelo esticado”, a música critica a tentativa de embranquecimento cultural, onde pessoas negras são obrigadas a se adaptar aos padrões impostos pela sociedade para serem aceitas, o que também reflete um processo de apagamento identitário e cultural.

4. A música expressa resistência por meio da reafirmação da dignidade e da luta por justiça. A parte:

“Mas, mesmo assim / Ainda guardo o direito de algum antepassado da cor / Brigar sutilmente por respeito / Brigar bravamente por respeito / Brigar por justiça e por respeito.”

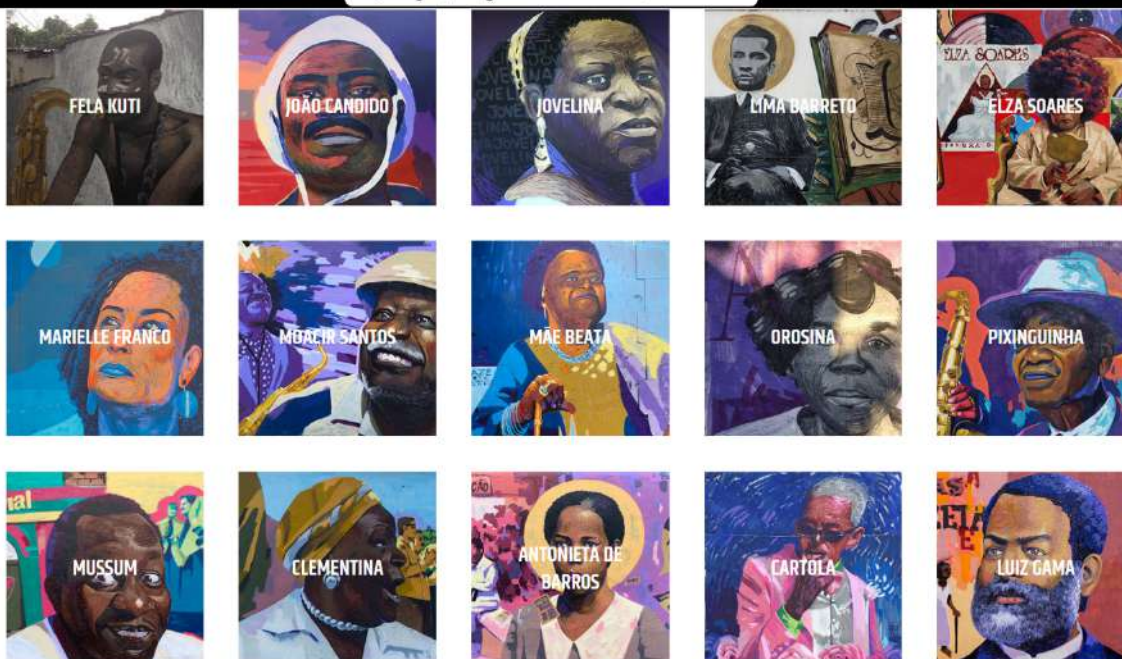
Esses versos mostram que, apesar da opressão e exploração, existe uma luta contínua por justiça, respeito e reconhecimento. A música reivindica a memória de ancestrais que resistiram e a continuidade dessa luta nos dias atuais.

5. A música denuncia o racismo estrutural ao mostrar como a violência e a exclusão da população negra são sistêmicas. A repetição de “a carne mais barata do mercado é a carne negra” expõe a desumanização histórica dos corpos negros, herança da escravidão que persiste na marginalização atual. Ao citar presídios, subempregos e vítimas de violência (“debaixo do plástico”), a letra revela como instituições perpetuam essa opressão. O verso “segurando esse país no braço” lembra a exploração do trabalho negro, enquanto “brigar por respeito” reforça a resistência necessária contra esse sistema. A ironia em “não é fácil, né, mano?” destaca a naturalização dessa realidade, mostrando que o racismo vai muito além de atitudes individuais - é um problema enraizado na estrutura social.

## Navegue pelo site “Negro Muro”

Desde 2018, o NegroMuro mapeia a memória negra por meio da arte urbana, destacando figuras históricas negras em grandes murais públicos.

Q https://negromuro.com.br/ x



A proposta do **Negro Muro** é **valorizar e divulgar** a história e a cultura negra através de murais artísticos espalhados pela cidade do Rio de Janeiro. Este projeto busca promover o reconhecimento e a visibilidade de personalidades negras importantes na história do Brasil, mas que muitas vezes foram invisibilizadas pelos registros oficiais.

Por meio de painéis pintados em muros e fachadas de prédios, o Negro Muro embeleza o espaço urbano, e **reconta histórias e promove debates sobre identidade, memória e resistência negra**. No site, cada mural é acompanhado por informações que contextualizam a vida e a obra da pessoa retratada, funcionando como uma galeria de arte pública e um recurso educativo.

O projeto convida o público a refletir sobre as contribuições negras à sociedade e a questionar estruturas racistas que historicamente apagaram ou desvalorizaram essas narrativas. É uma iniciativa que une arte, educação e ativismo cultural.

Acesse o site negro Muro pelo QR code:



ou pelo link:  
<https://negromuro.com.br/c/azeraiao/>



# Canção para ninar gente grande

Vamos analisar juntos a letra da música "Canção para ninar gente grande"



A resistência como ponto de união e identidade coletiva. A luta é o fio que une as gerações de excluídos e injustiçados.

Aqui, há a subversão da ideia do "descobrimento" do Brasil, reconhecendo-o como um processo violento de colonização e opressão.

Cita grupos específicos que foram apagados da história oficial: mulheres (particularmente negras e indígenas), indígenas (Tamoios) e mestiços.

Referência aos povos indígenas Cariris, reconhecendo a ancestralidade e a contribuição indígena para o Brasil.

Alusão a Francisco José do Nascimento, o Dragão do Mar, que desafiou o tráfico negreiro no Ceará, simbolizando resistência e coragem.

Homenagem a quem resistiu à Ditadura Militar no Brasil, que foi marcada por repressão, tortura e censura.

Luiza Mahin, lutadora contra a escravidão na revolta dos Malês; Marielle Franco, vereadora negra, feminista e LGBT assassinada em 2018; e os malês, negros muçulmanos que se rebelaram contra a escravidão e a imposição religiosa em Salvador, em 1835.

Brasil, meu nego  
Deixa eu te contar  
A história que a história não conta  
O avesso do mesmo lugar  
Na luta é que a gente se encontra

Os trechos revelam uma perspectiva crítica sobre a historiografia oficial, que privilegia narrativas eurocêtricas e ignora as contribuições dos povos indígenas, negros e pobres.

Brasil, meu denço  
A mangueira chegou  
Com versos que o livro apagou  
Desde 1500  
Tem mais invasão do que descobrimento

Reafirma o apagamento histórico promovido pelos registros oficiais. Os "versos" simbolizam narrativas orais e culturais que sobreviveram à censura e ao esquecimento.

Tem sangue retinto pisado  
Atrás do herói emoldurado  
Mulheres, tamoios, mulatos  
Eu quero um país que não está no retrato

Denúncia do massacre e da exploração dos negros, cujas histórias são relegadas a um segundo plano enquanto os "heróis emoldurados" (figuras brancas celebradas) são glorificados.

Brasil, o teu nome é Dandara  
Tua cara é de cariri  
Não veio do céu  
Nem das mãos de Isabel  
A liberdade é um dragão no mar de Aracati

Homenagem a Dandara dos Palmares, figura negra de resistência que lutou contra a escravidão

Rejeição da narrativa que atribui a abolição da escravatura à Princesa Isabel, enfatizando que a liberdade foi conquistada por aqueles que lutaram por ela.

Salve os caboclos de julho  
Quem foi de aço nos anos de chumbo  
Brasil, chegou a vez  
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês  
Mangueira, tira a poeira dos porões  
Ô, abre alas pros teus heróis de barracões  
Dos Brasis que se faz um país de Lecis, jamelões  
São verde- e- rosa as multidões

Os caboclos de julho eram soldados populares formados por índios, negros, sertanejos e voluntários que lutaram pela independência da Bahia. Eles foram derrotados pelas tropas portuguesas em 2 de julho de 1824.

Lecis e Jamelões representam figuras importantes da Mangueira: Leci Brandão, primeira mulher na ala de compositores, simboliza as mulheres negras do Brasil, enquanto Jamelão, grande intérprete, é uma das vozes mais marcantes da Sapucaí.



## Canção para ninar gente grande



Depois de analisarmos a letra da música “Canção para ninar gente grande”, realize a seguinte atividade:

Acesse o miro pelo Notion



ou pelo link:  
<https://www.notion.com/pt>

Selecione uma das personalidades negras homenageadas na música e faça uma pesquisa sobre a trajetória dela.

A pesquisa deve ser escrita e organizada no site “Notion”. Após isso, compartilhe com a turma a pessoa escolhida e apresente um resumo sobre sua história.



## Relato pessoal



### O que é?



Sabe quando você conta para alguém sobre algo que aconteceu com você? Tipo aquela vez que você caiu no meio da escola e fingiu que nada aconteceu? Ou quando fez uma viagem incrível e quis contar tudo nos mínimos detalhes para os amigos? Pois bem, isso já é um relato pessoal!

O gênero relato pessoal é um tipo de **texto narrativo** que descreve uma experiência, situação ou vivência do autor, geralmente de **maneira subjetiva**. Ele é caracterizado pela **forma** como o narrador compartilha seus **sentimentos, pensamentos e impressões** sobre determinado acontecimento, muitas vezes com foco em experiências íntimas ou significativas para ele.

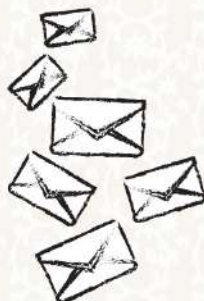
### Quais são as características?

- Subjetividade: A visão do autor sobre os acontecimentos é o centro do relato, o que faz com que o texto tenha um caráter pessoal e único.
- Narrativa em primeira pessoa: O autor geralmente utiliza pronomes pessoais como "eu" ou "meu" para narrar suas experiências de forma mais direta e envolvente.
- Expressão de sentimentos e emoções: O texto costuma refletir as reações emocionais do autor diante da experiência narrada.
- Enfoque em experiências particulares: O relato pessoal descreve vivências do autor, sem a necessidade de se basear em eventos amplamente conhecidos ou em informações objetivas.

# Relato pessoal



## Por que estudar sobre relatos pessoais?



### 5. Te faz refletir sobre a própria vida

Quando escreve sobre algo marcante da sua vida, você pode perceber como cresceu, aprendeu e mudou com aquela experiência. Isso também é uma forma de autoconhecimento.



Ótima pergunta! Estudar relatos pessoais é importante por vários motivos, e eu vou te mostrar como esse tipo de texto pode ser útil para a sua vida.

#### 1. Te ajuda a se expressar melhor

Quando você aprende a escrever relatos pessoais, melhora sua capacidade de contar histórias e organizar seus pensamentos. Isso é útil para escrever redações, falar em público e até mesmo contar uma boa história para os amigos! 😊

#### 2. Desenvolve a escrita e a criatividade

Escrever sobre experiências pessoais faz você pensar em como tornar sua história mais envolvente. Isso ajuda a desenvolver a criatividade e a escrita de maneira mais natural e fluida.

#### 3. Aumenta a empatia e a escuta ativa

Ler relatos de outras pessoas permite que você conheça diferentes experiências de vida. Isso ajuda a entender melhor os sentimentos dos outros e a enxergar o mundo de outra perspectiva.

#### 4. É útil para a escola e para o trabalho

- No trabalho, você pode precisar relatar uma experiência ou escrever um relatório sobre algo que aconteceu.
- Na vida acadêmica, relatos pessoais são usados em pesquisas e artigos, especialmente em áreas como Psicologia, História e Educação.





O Museu da Pessoa é um espaço digital e colaborativo que ensaia as histórias de vida como ferramentas poderosas para enfrentar os desafios sociais.

Acesso:



Lembra da nossa tirinha sobre racismo em locais públicos?  
Essa aqui:



Que tal ler na íntegra o relato pessoal de uma mãe que testemunhou diversos episódios de racismo com seu filho, inclusive a perseguição dentro de shoppings e estabelecimentos públicos:

Acesse e leia na íntegra o relato através do link ou QR code:

<https://museudapessoa.org/historia-de-vida/meu-filho-me-explicou-o-que-ser-negro/>



Após ler o relato, responda:

1. O que torna esse texto um relato pessoal? Quais características específicas desse gênero aparecem no relato da mãe?
2. Como o texto é organizado? Identifique introdução, desenvolvimento e conclusão. Qual é o objetivo principal do relato?
3. Que tipo de linguagem é utilizada no relato? É formal, informal, emocional? Como isso contribui para transmitir a mensagem da autora?
4. Identifique palavras ou expressões que mostram sentimentos intensos, como raiva, indignação, amor, dor. Como o uso dessas palavras enriquece o relato?
5. Como o uso da primeira pessoa contribui para a construção de uma narrativa mais íntima e pessoal? Quais passagens do texto evidenciam isso?
6. De que maneira o relato pessoal é utilizado como um instrumento de denúncia e crítica social?

3. A linguagem é emocional, intensa e carregada de dor e indignação.

Há trechos que usam expressões de desespero ("Machucada, rugia solto um animal selvagem e endoidecido dentro de mim"), bem como reflexões mais racionais e críticas ao sistema.

O tom pessoal e o uso de frases curtas e impactantes tornam a mensagem ainda mais forte.

4. Palavras e expressões que mostram sentimentos intensos incluem:

"Machucada", "Vozes incaláveis", "Angústia", "Aperto no peito", "Indignação", "Fúria".

O uso dessas palavras contribui para expressar a profundidade da dor e da luta vivida por mãe e filho, sensibilizando o leitor.

5. O uso da primeira pessoa (eu/narradora) cria um tom íntimo e pessoal.

As descrições detalhadas das emoções e experiências tornam a narrativa autêntica e impactante.

Exemplo: "Ainda posso ouvir a voz dele: - Mãe, aceita...Mãe, se conforma!"

6. O relato é usado como um instrumento de denúncia porque expõe de maneira direta e emocional as situações de racismo que o filho enfrenta. Com o relato de episódios específicos, a autora mostra como o preconceito afeta a vida de pessoas negras diariamente e como é urgente combater essa realidade.

1. Esse texto é um relato pessoal porque narra uma experiência vivida pela autora (mãe) em relação à discriminação e racismo enfrentado por seu filho. É contado em primeira pessoa, com foco em suas emoções, pensamentos e sentimentos diante da situação.

2. O relato é estruturado em três partes:

- **Introdução:** A autora relembra o momento de um almoço em família e sua reação emocional ao que foi contado.
- **Desenvolvimento:** Descreve episódios de racismo sofridos pelo filho em diferentes contextos, como shopping, rua e supermercados.
- **Conclusão:** Reflete sobre o sistema racista e a responsabilidade de todos em combatê-lo.

O objetivo principal é denunciar a violência racista que o filho enfrenta e convocar a sociedade a agir contra essa realidade.

# Gêneros do Discurso

## O que são gêneros do discurso?

Gêneros são formas de **organização da linguagem** que possuem **características próprias** quanto à **estrutura, estilo e função**, e que emergem das **práticas sociais** para atender às necessidades comunicativas de diferentes contextos. Eles são **dinâmicos**, variando e se adaptando conforme as situações de comunicação e os propósitos dos falantes.

Exemplos incluem: relato pessoal, entrevista, artigo científico, diário, palestra, documentário, carta, entre outros.

## Por que estudar sobre eles?

- **Compreensão da Comunicação:** Ao entender os gêneros textuais, podemos compreender melhor como as pessoas se comunicam e se organizam socialmente por meio da linguagem.
- **Produção Textual Adequada:** Auxilia na produção de textos apropriados para diferentes contextos e objetivos, considerando as expectativas e convenções de cada gênero.
- **Análise Crítica:** Permite identificar como as relações de poder, ideologias e visões de mundo se manifestam por meio dos diferentes gêneros textuais.
- **Ensino e Aprendizagem:** É fundamental para o ensino de língua, pois promove a reflexão sobre as práticas discursivas e a ampliação das competências comunicativas.
- **Dialogismo e Intertextualidade:** O estudo dos gêneros revela como os textos se relacionam e dialogam uns com os outros, algo central na teoria bakhtiniana.

Mikhail Bakhtin nasceu na Rússia em 1895, em um período de grandes transformações culturais, políticas e sociais. Ele viveu durante o auge da Revolução Russa de 1917 e o subsequente regime soviético. Seu trabalho foi inicialmente marginalizado, e Bakhtin passou boa parte de sua vida em relativa obscuridade. Parte de seu trabalho só foi divulgado após sua morte, mas, ao longo do tempo, sua importância foi sendo reconhecida, e ele se tornou uma figura central nos estudos da linguagem e da literatura. Segundo Bakhtin, os gêneros discursivos são formas relativamente estáveis de enunciados que circulam na comunicação cotidiana e cultural. Vamos conhecer um pouco mais sobre suas ideias:

# Gêneros do Discurso



## Saiba quais foram as principais ideias de Bakhtin



Bakhtin acreditava que a linguagem não existe de maneira abstrata ou isolada, mas sempre em situações comunicativas concretas. Os gêneros discursivos são formas de comunicação que surgem dessas situações, com objetivos e funções sociais bem definidas. Eles não são apenas categorias gramaticais ou linguísticas, mas manifestações de práticas sociais.

Exemplo: Um gênero discursivo pode ser o relato pessoal, que é uma maneira de expressar experiências e vivências de forma narrativa, geralmente no contexto de um diálogo ou uma experiência comunicativa.



Bakhtin postulou que toda linguagem é dialógica, ou seja, está em constante interação com outros enunciados. Um enunciado (ou texto) só tem sentido quando é colocado em diálogo com outros enunciados, seja de forma direta ou indireta. Para Bakhtin, a linguagem nunca é "neutra"; ela carrega as marcas dos interlocutores e das expectativas sociais de um dado contexto.

O dialogismo está presente em todos os gêneros discursivos, pois cada gênero é uma resposta a outros gêneros e a demandas comunicativas. Por exemplo, um documentário como gênero tem um papel de responder a questões sociais, culturais ou políticas, estabelecendo um diálogo com a audiência e com outras formas de representação.



O conceito de heteroglossia (ou "múltiplas vozes") descreve a coexistência de diferentes formas de linguagem, estilos e pontos de vista em um único discurso ou em um contexto social mais amplo. Bakhtin via isso como uma característica essencial da linguagem humana, que é pluriforme e diversa.

Nesse sentido, cada gênero discursivo contém uma variedade de vozes, estilos e registros, que são influenciados por diferentes contextos sociais e grupos discursivos. Por exemplo, em um gênero como o relato pessoal, podemos encontrar diferentes vozes que refletem aspectos individuais, sociais e até culturais, de modo que a heteroglossia torna o gênero mais complexo e plural.



Bakhtin fez uma distinção entre gêneros primários e gêneros secundários.

Gêneros primários são aqueles mais ligados à comunicação cotidiana, espontânea e mais informal (como conversas, diálogos, mensagens informais).

Gêneros secundários são mais complexos e frequentemente institucionalizados, surgindo em contextos mais formais ou específicos, como artigos científicos, ensaios, documentários e discursos públicos.

Essa distinção é útil para entender como diferentes formas de comunicação se estabelecem dentro da sociedade. Gêneros primários e secundários têm funções diferentes, e ao estudar essas diferenças, podemos analisar como a linguagem e o discurso variam de acordo com o contexto e o objetivo comunicativo

# Gêneros do Discurso



## GÊNEROS PRIMÁRIOS



### Aprofundando

Os gêneros primários surgem da interação cotidiana e imediata entre as pessoas. Eles são formados em situações comunicativas espontâneas, sem grandes elaborações formais. Embora frequentemente sejam orais, também podem ser escritos em contextos informais.

Características típicas:

- Espontaneidade: Produzidos sem planejamento prévio.
- Simplicidade estrutural: Forma simples e curta, geralmente adequando-se ao contexto imediato.
- Personalização: Muitas vezes refletem a subjetividade e a individualidade do emissor.
- Interatividade: Os interlocutores costumam ter acesso imediato e direto à mensagem, podendo reagir e responder prontamente.

Exemplos incluem: Diálogos diários, Cartas pessoais, Anedotas ou piadas contadas oralmente, Bilhetes

Esses gêneros são formados em contextos sociais autênticos e têm como principal característica sua conexão direta com o cotidiano, sendo moldados pelo ambiente em que ocorrem. Eles contrastam com os gêneros secundários, que tendem a ser mais formais e desenvolvidos em esferas culturais mais elaboradas, como a literatura e a ciência.



## GÊNEROS SECUNDÁRIOS

Os gêneros secundários são aqueles que surgem em condições de comunicação cultural mais complexas e desenvolvidas, especialmente na esfera cultural, artística, científica e filosófica. Eles são constituídos por outros gêneros menores e mais simples (gêneros primários), que são reorganizados e ressignificados em novos contextos comunicativos. Essa integração mostra que os gêneros não existem isoladamente, mas se relacionam e se transformam na prática social.

Características principais dos gêneros secundários:

- Complexidade estrutural: Podem combinar e reorganizar gêneros primários em um todo coerente.
- Finalidade estética, cultural ou científica: Diferente dos gêneros primários que são mais cotidianos e espontâneos.
- Maior elaboração e planejamento: Não surgem de interações imediatas, mas de contextos mais elaborados.

Exemplos incluem: Romances, Peças teatrais, ensaios científicos e biografias

Agora que sabemos tudo isso, vejamos dois exemplos práticos dessas relações de gênero:

## Consciência Negra

O documentário explora a trajetória de pessoas negras no Brasil, destacando sua resistência histórica e a contínua luta por igualdade e reconhecimento social.



Abaixo está o documentário "Consciência Negra", que traz vários relatos de pessoas negras e suas vivências no Brasil. Após assistir, responda:



ou pelo link  
<https://www.youtube.com/watch?v=wbNv--cnkAA>

Sugere-se ao professor, antes de repassar a temática, trazer o seguinte vídeo, que conta sobre a história e as raízes do documentário:



1. O que caracteriza o gênero documentário em comparação a outros gêneros audiovisuais, como ficção e reportagem?
2. Qual é a importância dos relatos pessoais nesse documentário?
3. Quais são os principais objetivos deste documentário? Como ele busca apresentar a realidade?
4. Como as imagens e o som no documentário colaboram com a narrativa verbal para construir significado? Pode citar algum exemplo de como a imagem ajudou a esclarecer ou enfatizar a mensagem?

1. O documentário busca representar a realidade de forma reflexiva e analítica, utilizando entrevistas, imagens reais e depoimentos. Diferentemente da ficção, que cria narrativas inventadas, e da reportagem, que foca em eventos imediatos e jornalísticos, o documentário aprofunda temas e apresenta análises detalhadas.

2. Documentários sobre temas sociais, como a consciência negra, ganham força com relatos pessoais. Essas narrativas trazem credibilidade e humanizam o discurso, transformando a questão racial de um debate abstrato em uma realidade vivida. As experiências individuais mostram o impacto concreto do racismo, revelando suas diversas dimensões e aprofundando a discussão sobre desigualdade.

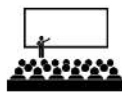
3. Os principais objetivos deste documentário sobre Consciência Negra são:

- Conscientizar e sensibilizar o público sobre a desigualdade racial e as lutas da população negra no Brasil.
- Dar voz a indivíduos que vivenciam o racismo, utilizando seus relatos pessoais para ilustrar a profundidade e a complexidade da questão.
- Promover reflexão e debate social, estimulando o espectador a repensar suas próprias percepções e atitudes em relação ao racismo e à desigualdade.
- Educar e informar, trazendo questões históricas, culturais e sociais que ajudam a contextualizar os depoimentos apresentados.

4. As imagens e sons colaboram com a narrativa verbal ao:

- Complementar os depoimentos com cenas que ilustram visualmente os problemas mencionados (por exemplo, filmagens de manifestações contra o racismo enquanto se discute sobre resistência negra).
- Criar contrapontos visuais que reforçam a crítica, como a exibição de contrastes sociais e raciais evidentes.
- Utilizar músicas e sons que evocam sentimentos relacionados à opressão, luta e esperança.

## Relato pessoal dentro do gênero palestra



Abaixo está a palestra “O perigo de uma única história” da escritora Chimamanda Adichie. Após assistir, responda:

Assista o vídeo abaixo e responda:



<https://www.youtube.com/watch?v=D9Jhs241zeg&t=120s>

É relevante que o professor realize uma sondagem sobre as palestras TED, questionando se já conhecem e inferindo junto com os alunos características típicas do gênero palestra, mais especificamente as palestras TED, como os 18 minutos, no máximo por questões de concentração e cenário

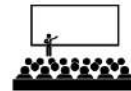
1. Quais recursos linguísticos (repetições, perguntas retóricas, humor, metáforas, etc.) são empregados para persuadir e envolver o público? Cite exemplos.
2. Como a palestrante usa exemplos pessoais e histórias para ilustrar seu argumento?
3. Qual é o propósito principal da palestra e como ele é comunicado ao longo do discurso?
4. De que forma o cenário e os recursos visuais influenciam a recepção da mensagem?
5. Como os relatos pessoais de Chimamanda Adichie contribuem para a construção de um argumento mais amplo sobre identidade, poder e representação?

Sugere-se que o (a) professor(a) durante a reprodução da palestra, realize pausas estratégicas para realizar questionamentos sobre questões de estereótipos e sobre suas percepções em relação à África, de forma a realizar uma sondagem e ao mesmo tempo uma desconstrução coletiva

17

1. A palestra “O perigo de uma história única”, de Chimamanda Ngozi Adichie, utiliza diversos recursos linguísticos para persuadir e envolver o público. Entre eles, destacam-se a repetição, as perguntas retóricas, o humor e a ironia. A repetição da expressão “história única” reforça a ideia central do discurso, facilitando sua compreensão e memorização. As perguntas retóricas, como “E se minha mãe tivesse me contado uma história diferente?”, são utilizadas para provocar reflexão no público. As metáforas ajudam a tornar o conceito de “história única” mais concreto e compreensível, enquanto o humor, frequentemente presente em relatos de sua infância e nas reações exageradas de outras pessoas à sua identidade africana, torna o discurso mais leve e envolvente. Além disso, a ironia aparece nas críticas sutis aos estereótipos que ela mesma enfrentou.
2. A palestrante utiliza predominantemente relatos pessoais como estratégia argumentativa para ilustrar seu ponto sobre os perigos de uma história única. Ela relata como, na infância, escrevia histórias apenas sobre personagens brancos e estrangeiros, influenciada pelas obras britânicas e americanas que lia, evidenciando como as narrativas que consumimos moldam nossa visão de mundo. Também descreve suas experiências nos Estados Unidos, quando sua colega de quarto esperava que ela fosse incapaz de falar inglês por ser africana, exemplificando como a visão reducionista sobre a África (pobreza, guerra, subdesenvolvimento) é globalmente reproduzida. Além disso, ao compartilhar um episódio em que ela mesma construiu uma visão única sobre as pessoas pobres de sua sociedade, Chimamanda mostra que esse fenômeno não é exclusivo do Ocidente, mas um problema que pode ocorrer em qualquer contexto.
3. O propósito principal da palestra é demonstrar os perigos de reduzir pessoas, culturas e países a uma única narrativa estereotipada, evidenciando como isso reforça preconceitos e desumaniza indivíduos. Chimamanda comunica esse propósito ao longo de sua fala, organizando seu discurso em múltiplas histórias pessoais e observações que exemplificam o problema de acreditar em uma única versão da realidade. Ela enfatiza que as histórias únicas são criadas quando um grupo detém poder sobre a narrativa, decidindo o que é contado e o que é silenciado. Sua proposta para combater essa visão limitada é promover a multiplicidade de histórias, permitindo uma compreensão mais complexa e diversa das experiências humanas.

## Relato pessoal dentro do gênero palestra



Abaixo está a palestra "O perigo de uma única história" da escritora Chimamanda Adichie. Após assistir, responda:

Assista o vídeo abaixo e responda:



<https://www.youtube.com/watch?v=D9fhs241zeg&t=120s>

1. Quais recursos linguísticos (repetições, perguntas retóricas, humor, metáforas, etc.) são empregados para persuadir e envolver o público? Cite exemplos.
2. Como a palestrante usa exemplos pessoais e histórias para ilustrar seu argumento?
3. Qual é o propósito principal da palestra e como ele é comunicado ao longo do discurso?
4. De que forma o cenário e os recursos visuais influenciam a recepção da mensagem?
5. Como os relatos pessoais de Chimamanda Adichie contribuem para a construção de um argumento mais amplo sobre identidade, poder e representação?

17

4. O cenário da palestra, característico dos TED Talks, é simples e minimalista, com um palco escuro e iluminação focada na palestrante. Esse ambiente favorece a concentração na mensagem verbal, sem distrações visuais que possam desviar a atenção do público. A ausência de slides ou outros recursos visuais sofisticados reforça a ideia de que a narrativa da palestrante é a principal fonte de impacto. Além disso, os gestos e expressões faciais de Chimamanda atuam como recursos visuais importantes, transmitindo emoções e reforçando os pontos principais do discurso.

5. Os relatos pessoais de Chimamanda Adichie contribuem significativamente para a construção de um argumento mais amplo sobre identidade, poder e representação. Quando relata suas vivências de ser estereotipada e também de criar estereótipos sobre os outros, ela demonstra que todos estão sujeitos a esse mecanismo, tornando sua argumentação mais próxima e humana. Seus relatos demonstram que o controle sobre a narrativa é também uma questão de poder: quem conta a história e como ela é contada podem definir identidades inteiras. Com a proposição de que mais histórias precisam ser contadas para combater essa visão única, Chimamanda sugere que a diversidade narrativa é essencial para uma representação mais justa e igualitária das identidades múltiplas.

# Gêneros do Discurso



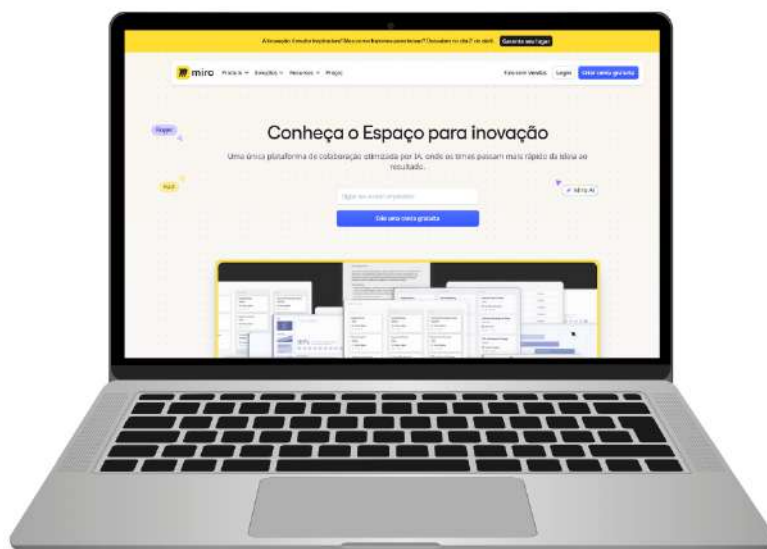
Depois de aprendermos os conceitos de gêneros textuais, as definições de de gêneros primário e secundário e suas relações com o gênero relato pessoal e os gêneros palestra e documentário, faça a seguinte atividade:

Acesse o miro pelo QR code:



ou pelo link:  
<https://miro.com/pt/>

Reúna os conhecimentos explicitados até sobre gênero primário e secundário e faça um mapa mental pela plataforma Miro. O mapa deve trazer outros gêneros (além do relato pessoal, palestra e documentário) e exemplos reais. Ao final compartilhe entre os colegas a sua criação!



Professor(a), sugere-se que a apresentação seja realizada por cada grupo na frente de todos (por meet ou presencialmente) e que suas produções sejam anexadas na plataforma "Jamboard", para que enquanto os alunos apresentem, os demais tenham acesso integral e navegável às produções

## A DESIGUALDADE RACIAL

# Hora da ação!

É hora de colocar em prática tudo que foi aprendido e fazer o seu relato, contando a sua história!



### Agora é sua vez!

A desigualdade racial é uma ferida aberta em nossa sociedade, um tema que clama por reflexão e ação. Para aprofundarmos nossa compreensão sobre a questão, realizaremos uma atividade envolvendo a temática racial e exercitando tudo que aprendemos ao longo do protótipo.

Vocês devem escolher um dos seguintes gêneros e realizar as atividades:



**Um pequeno documentário em grupo:** Reúna-se com alguns colegas e criem um documentário sobre a temática da desigualdade no Brasil. O documentário deve ter pelo menos um relato pessoal, apresentado em forma de vídeo e deve seguir as características do gênero.



**Palestra:** A palestra deve discutir a mesma temática e, também, trazer pelo menos um relato pessoal, que será apresentado por um vídeo durante a palestra, um relato pessoal escrito do palestrante ou de outra pessoa.

O relato pessoal é uma oportunidade de contar uma história e refletir sobre o que ela significou para quem a fez.

Então, mãos à obra! Abram o coração, soltem a criatividade e deixem que as suas histórias inspirem e emocionem a todos nós.



Bom trabalho!

### Dicas Extras

- **Exemplos inspiradores:** Mostre trechos de documentários como "Vista Minha Pele" ou palestras de Djamila Ribeiro para referência.
- **Flexibilidade:** Se a turma não tiver recursos, adapte para encenações, podcasts ou cartazes com QR codes que levem aos áudios.
- **Envolvimento da comunidade:** Convide familiares ou membros da comunidade escolar para assistirem às apresentações.

Para realizar esta atividade, você deve orientar os estudantes a retomar os textos, debates e materiais trabalhados no protótipo, garantindo que utilizem esse repertório para embasar suas produções. Como se trata de uma tarefa coletiva, siga as seguintes estratégias:

### 1. Organização dos Grupos e Produção

#### a) Documentário em Grupo:

Cada grupo (3 a 5 alunos) deve definir funções: pesquisa, roteiro, gravação, edição.

Sugira que utilizem ferramentas colaborativas, como Google Docs, para escrever o roteiro em conjunto. Um aluno deve criar o documento e compartilhar o link com o grupo e com você, permitindo acompanhamento e feedback.

#### b) Palestra Individual ou em Dupla:

O aluno (ou dupla) deve estruturar a fala com introdução, desenvolvimento (dados + relato pessoal) e conclusão.

Peça que, caso desejem utilizar, usem Google Slides ou Canva para os visuais e compartilhem o material com você antecipadamente.

### 3. Ferramentas e Apoio Técnico

Para documentários:

Apps de edição simples: CapCut, InShot, Canva (no celular) ou Shotcut (PC).

Bancos de imagens gratuitos: Pexels, Pixabay.

### 4. Divulgação das Produções

Para que os trabalhos tenham circulação social, sugira uma das seguintes formas de publicação:

Instagram da Turma/Escola:

Cada grupo cria um post com uma imagem de capa (no Canva) e link para o vídeo (YouTube ou Drive).

Use hashtags como #DesigualdadeRacial #ConsciênciaNegra.

E-book Coletivo:

Compile os roteiros dos documentários e textos das palestras em um PDF estilizado (usando Canva ou Google Docs).

Disponibilize o link no site da escola ou espalhe QR codes pelos murais.

## Anexo I -matérias jornalísticas

27/03/2015 10h21 – Atualizado em 27/03/2015 20h29

### Polícia prende jovens de classe média com 300 kg de maconha no Rio

Eles foram presos num estacionamento de um prédio na Tijuca.

Delegado tenta identificar outros integrantes da quadrilha

Policiais da 25ª DP (Engenho Novo) prenderam em flagrante, nesta quinta-feira (26), os jovens Pedro Henrique Sequeira e Thyago Barcellos Teixeira. Com eles foram apreendidos cerca de 300 quilos de maconha, duas pistolas, quatro carregadores e um carro Hyundai Santa Fé.

Segundo informações da assessoria da Polícia Civil, eles foram presos no estacionamento de um prédio na Tijuca, na Zona Norte.

De acordo com informações do delegado titular da 25ª DP Níandro Ferreira, os rapazes são apontados como integrantes de uma quadrilha de jovens de classe média, que atua no tráfico de drogas do Engenho Novo e Méier, no Subúrbio, e Tijuca, na Zona Norte.

Ainda segundo o delegado, as investigações estão em andamento para identificar outros integrantes da quadrilha. Pedro Henrique e Thyago foram autuados em flagrante por tráfico de drogas e porte ilegal de arma de uso restrito.



Jovens presos com cerca de 300 quilos de maconha, na Tijuca (Foto: Divulgação/ Polícia Civil)

[https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/03/policia-prende-jovens-de-classe-media-com-300-kg-de-maconha-no-rio.html#:~:text=Policiais%20da%2025%C2%AA%20DP%20\(Engenho,um%20carro%20Hyundai%20Santa%20F%C3%A9.](https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/03/policia-prende-jovens-de-classe-media-com-300-kg-de-maconha-no-rio.html#:~:text=Policiais%20da%2025%C2%AA%20DP%20(Engenho,um%20carro%20Hyundai%20Santa%20F%C3%A9.)

### Polícia prende dupla de traficantes que portava 10 Kg de 'supermaconha' na zona Oeste de Boa Vista

Investigação revelou a atuação da dupla em três bairros da capital, chefiando pontos de vendas de entorpecentes.

Gerlâ Gomes Feitosa e Flávio Soares de Oliveira, de 22 e 25 anos, foram presos por envolvimento com tráfico de drogas em uma casa no bairro São Bento, zona Oeste de Boa Vista. Com eles foram apreendidos dez quilos de skunk, a "supermaconha", dinheiro e materiais para embalar a droga. A ação, que ocorreu nessa quarta-feira (2), contou com o apoio de policiais civis e agentes da Divisão de Inteligência e Captura (Dicap).

A investigação revelou ainda a atuação da dupla em três bairros da capital. Eles chefiavam pontos de vendas de entorpecentes no São Bento, Bela Vista e Nova Cidade, todos na zona Oeste.

Segundo o delegado titular da Delegacia e Repressão a Entorpecentes (DRE), Leonardo Barroncas, as investigações apontaram que Gomes Feitosa seria o "chefe do tráfico" e, com a ajuda de Soares de Oliveira, coordenava a venda de drogas.

Conforme Barroncas, Soares de Oliveira participava como funcionário e recebia salário pelo trabalho. A dupla obtinha a média de dez quilos de entorpecentes por mês, fazia a distribuição nos pontos de vendas e depois recolhiam o dinheiro.



Dupla entaua com droga guardada dentro de uma residência — Foto: Polícia Civil

## Anexo I -matérias jornalísticas

Por G1 RR — Boa Vista  
03/01/2019 12h36 Atualizado há 6 anos

Com o dinheiro proveniente no crime eles compravam veículos, que depois eram revendidos. "Eles lavavam o dinheiro apurado com a droga comprando veículos, para, assim, continuarem com a atuação criminosa no intuito de não chamar a atenção da polícia. Esse local onde apreendemos a droga era uma espécie de depósito. De lá os entorpecentes eram distribuídos aos pontos de vendas", detalha Barroncas.

### **Droga estava em residência**

A dupla foi presa na casa de Soares de Oliveira, de acordo com a polícia. Na ocasião, eles faziam atendimento por uma espécie de "disque-drogas". Durante a abordagem, Gomes Feitosa tentou fugir, mas foi contido. Ele ainda tentou inutilizar o celular que portava.

Na residência foram recolhidos 17 papétes de drogas com aproximadamente dez quilos de skunk. Também foram apreendidos uma balança digital, um simulacro de arma de fogo tipo pistola, dois celulares, apetrechos para embalar drogas e a importância de R\$ 1, 360 mil.

O dinheiro, afirmou a polícia, estava em poder de Gomes Feitosa. Soares de Oliveira confessou ter recebido do comparsa uma maleta de drogas no dia 1º de janeiro para que fosse guardada.

Com as vendas ele receberia a importância de R\$ 100 por diária. O outro envolvido disse que só falaria em juízo e negou o crime de tráfico.

Os dois foram autuados em flagrante pelos crimes de tráfico de drogas e associação para o tráfico de drogas e conduzidos para audiência de custódia.

## Anexo II - Violência Policial

### A cada 23 minutos, um jovem negro é assassinado no Brasil, diz CPI

Fernanda da Escóssia  
Role, Do Rio de Janeiro para a BBC Brasil

6 junho 2016  
Depois que você terminar de ler este texto e tomar um cafezinho, um jovem negro terá sido morto no Brasil. É este o país que salta do relatório final da CPI do Senado sobre o Assassinato de Jovens, que será divulgado esta semana em Brasília: todo ano, 23.100 jovens negros de 15 a 29 anos são assassinados. São 63 por dia. Um a cada 23 minutos.

A CPI toma por base os números do Mapa da Violência, realizado desde 1998 pelo sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz a partir de dados oficiais do Sistema de Informações de Mortalidade do Ministério da Saúde. O último Mapa é de 2014 e contabiliza os homicídios de 2012: cerca de 30 mil jovens de 15 a 29 anos são assassinados por ano no Brasil, e 77% são negros (soma de pretos e pardos).

Depois de sete meses de trabalho, com 21 audiências públicas em sete Estados brasileiros, o relatório do senador Lindbergh Farias (PT-RJ) apresenta um diagnóstico amplo, com números e pesquisas de várias fontes e períodos.

Cataloga histórias recentes e de ampla repercussão, como a de Eduardo de Jesus, de 10 anos, morto por um policial militar no Complexo do Alemão, zona norte do Rio, em abril de 2015. Recupera outras já quase esquecidas, como a de Ana Paula Santos, morta em 2006 em Santos, São Paulo, aos 20 anos, quando estava grávida de nove meses. O marido dela e o bebê também foram assassinados.



ACERVO PESSOAL  
Eduardo de Jesus, 10, foi morto por policial no Complexo do Alemão

"Dudu me disse: Mãe, minha irmã Patrícia está quase chegando, vou esperar na varanda de casa. Eu disse: Vai, filho. Ele foi esperar a irmã e nunca voltou. Logo depois ouvi o estouro, a gritaria, e vi meu filho caído sem vida. Era um menino saudável, ótimo aluno", relembra a diarista Terezinha Maria de Jesus, mãe de Eduardo.

### Um milhão de mortes

Especialistas costumam usar a palavra epidemia para se referir à mortandade de jovens no Brasil, especialmente de jovens negros. De acordo com o Mapa da Violência, a taxa de homicídios entre jovens negros é quase quatro vezes a verificada entre os brancos (36,9 a cada 100 mil habitantes, contra 9,6). Além disso, o fato de ser homem multiplica o risco de ser vítima de homicídio em quase 12 vezes.

Weiselfisz adiantou à BBC Brasil dados preliminares do Mapa que será divulgado este ano: de 1980 a 2014, o número de mortes por arma de fogo no Brasil soma quase um milhão. Entre 1980 e 2014 morreram 967.851 pessoas vítimas de disparo de arma de fogo, sendo 85,8% por homicídio.

"Entre 1980 e 2014 os homicídios cresceram 592,8%, setuplicando sua incidência", analisa o sociólogo.

Em entrevista por e-mail, por intermédio de sua assessoria, o senador Lindbergh Farias diz que "o principal destaque da CPI foi reconhecer aquilo que os movimentos negros, sobretudo de jovens, vêm dizendo há muito tempo: um verdadeiro genocídio da nossa juventude negra".

"A cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil. Isso equivale à queda de mais de 150 jatos, cheios de jovens negros, todos os anos. Genocídio da população negra é a expressão que melhor se enquadra à realidade atual do Brasil", afirma.

## Anexo II -Violência Policial



Relatório recomenda unificação de polícias militar e civil, entre outras medidas.

### Autos de resistência

A CPI destaca a responsabilidade do Estado, seja por ação ou omissão. "Em um ambiente onde a omissão do poder público suscita o aparecimento de grupos organizados de traficantes, bem como de milícias, os índices de violência contra a juventude negra atingem o paroxismo. De outro lado, o crescimento da violência policial contra esses jovens também é uma chocante realidade. Situações envolvendo a morte de jovens negros, sobretudo aquelas cujas justificativas da ação policial se apoiam nos chamados autos de resistência", afirma o relatório.

Autos de resistência são, com variações de nomenclatura de um Estado brasileiro para outro, registros de mortes ocorridas em supostos confrontos nos quais o policial afirma ter atirado para se defender.

Em caso de resistência à prisão, o Código de Processo Penal autoriza o uso de quaisquer meios para que o policial se defenda ou vença a resistência. Determina também que seja lavrado um auto, assinado por duas testemunhas - daí o nome auto de resistência. Muitas vezes, tais registros escondem execuções em "confrontos" que nunca aconteceram.

Pesquisa do Fórum Brasileiro de Segurança Pública aponta que, entre 2009 e 2013, as polícias brasileiras mataram 11.197 pessoas em casos listados como autos de resistência - seis mortes por dia, sabendo que o total é subnotificado, pois alguns Estados não repassaram dados ao FBSP.

O relatório também cita uma pesquisa do sociólogo e professor da UFRJ Michel Misse realizada em 2005, no Rio de Janeiro, indicando que, entre os inquéritos de autos de resistência, 99,2% foram arquivados ou nunca chegaram à fase de denúncia.

O delegado de Polícia Civil Orlando Zaccane fez dos autos de resistência o tema sua tese de doutorado em Ciência Política defendida na UFF (Universidade Federal Fluminense).



Terezinha de Jesus, mãe de Eduardo, aguarda julgamento de policial

Ao analisar 314 casos de auto de resistência de 2003 a 2010 no Rio, Zaccane aponta a responsabilidade não só da polícia, mas também do Ministério Público, na construção de uma rotina em que a maior preocupação é saber se o morto era ou não ligado ao tráfico - em vez de esclarecer as circunstâncias de sua morte.



Divulgação/MÃES DE MAIO  
Casos de 'autos de resistência' podem esconder execuções

## Anexo II - Violência Policial

"A folha de antecedentes penais do morto é usada sistematicamente para pedir o arquivamento. Várias instituições se articulam nesse processo, o que caracteriza uma política de Estado na qual se admite que há pessoas extermináveis", analisa Zaccone.

A criação de um protocolo único para registrar autos de resistência está entre as recomendações do relatório final da CPI, assim como a criação de um banco de dados nacional com indicadores consolidados e sistematizados de violência.

A unificação das Polícias Militar e Civil é outra recomendação. O relator da CPI, Lindbergh Farias, destaca as linhas de atuação no Congresso: implementação do Plano Nacional de Enfrentamento ao Homicídio de Jovens, sugerido em comissão especial da Câmara; aprovação do projeto de lei 4.471/2012 - que extingue os autos de resistência, determina a abertura de inquérito e abre a possibilidade de prisão em flagrante do policial em caso de auto de resistência; aprovação da PEC 51 (que, entre outras medidas, desmilitariza e unifica as polícias).

"Toda polícia deve realizar o ciclo completo do trabalho policial (preventivo, ostensivo, investigativo). Sepulta-se, assim, a jabuticaba institucional: a divisão do ciclo do trabalho policial entre militares e civis. Esta é uma batalha que teremos à nossa frente no Congresso", afirma Lindbergh.

A PEC 51 e o projeto que extingue os autos de resistência enfrentam a oposição de parlamentares mais ligados a corporações policiais. Muitos argumentam que o projeto 4.471 pode acabar amedrontando o policial que está em campo, em confronto real com criminosos.



"Há um genocídio da juventude negra", diz relator da comissão, Lindbergh Farias

Um dos pontos abordados pela CPI é justamente o alto número de mortes de policiais brasileiros, que acabam sendo não só os principais agentes, mas também vítimas da violência. Segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública citados pela CPI, só em 2013 foram assassinados em serviço quase 500 policiais.

Questionado pela BBC Brasil, o corregedor da PM do Rio, coronel Welste Medeiros, afirmou que a corporação não se omite em apurar crimes de seus membros e tem buscado soluções para otimizar investigações de crimes cometidos por policiais.

Entre elas, destaca parcerias com o Ministério Público, ampliação da atuação da corregedoria da PM e realização de projetos com universidades para análise dos dados de violência policial.

Foi criado o Programa de Gestão do Uso da Força e da Arma de Fogo, por meio do qual os policiais que mais fizeram disparos de armas de fogo nos últimos seis meses são identificados e submetidos a um programa de treinamento que inclui desde simuladores de tiros até avaliação psicológica e metodologia de abordagem de pessoas e veículos.

### 'A gente vira número'

A CPI jogou luz também sobre um tema pouco discutido, as mortes de jovens infratores abrigados em unidades para ressocialização. Na audiência pública realizada em 15 de junho de 2015, foram apresentados os dados oficiais do Sinase (Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo): em 2013, 29 adolescentes infratores morreram sob custódia do Estado.

A causa mais comum das mortes foi o "conflito interpessoal" (59% do total), seguido de conflito generalizado (17%) e de uma proporção estonteante de suicídios dentro do sistema - 14%. O país tem cerca de 24 mil adolescentes em "situação de privação de liberdade", ou seja, mantidos em unidades para ressocialização. Segundo o Sinase, 57,41% deles são pretos ou pardos, enquanto em 17,15% dos casos não houve resposta sobre cor ou raça.

País afora, mães negras choram o assassinato dos filhos. Débora Maria Silva, mãe do gari Édson Rogério Silva dos Santos, ainda não viu alguém ser responsabilizado pela morte dele, em maio de 2006, em Santos.

Segundo o relatório da CPI, ele foi um dos mais de 400 mortos numa onda de violência na região iniciada depois que uma facção criminosa assassinou 43 agentes do Estado. Na sequência, uma forte repressão policial fez outras vítimas. De acordo com testemunhas, Édson foi abordado por policiais num posto de gasolina, seguido e assassinado.

## Anexo II -Violência Policial

"Fiquei até doente depois que ele morreu. Um dia sonhei com meu filho, como uma visão, e ele me dizia: Mãe, vai lutar pelos vivos", conta Débora, que se tornou uma ativista e criou o movimento Mães de Maio, agregando mães de jovens assassinados na região em 2006.

A ela se juntaram várias outras mães que perderam seus filhos, como Vera Lúcia Santos, mãe de Ana Paula Santos, a jovem assassinada grávida. "Depois de quase dez anos, a gente vai perdendo a esperança. A gente vira número, vira tese. E mais gente continua morrendo. A impressão é de que é um mês de maio contínuo", lamenta Vera Lúcia. Terezinha de Jesus, mãe do menino Eduardo, foi embora do Rio depois de receber ameaças anônimas de morte. A investigação da Polícia Civil concluiu que os policiais militares agiram em legítima defesa, mas o Ministério Público não concordou e denunciou pelo crime um policial, que irá a julgamento.

Terezinha agora divide o tempo entre o acompanhamento do caso e os cuidados com o restante da família. Ela tem mais quatro filhos e quatro netos, entre eles o novo Eduardo da casa: um bebê de cinco meses e olhos redondos como os do tio. É filho de Patrícia, a irmã que Eduardo de Jesus esperava na varanda de casa quando foi morto.



**DIVULGAÇÃO/MÃES DE MAIO**

Debora criou movimento que une mães de jovens assassinados em 2006



## Anexo III - Música “A carne”

Compositores: Jorge Mario Da Silva / Pedro Aznar / Marcelo Fontes Do N. V. De Santana / Ulisses Cappelletti Tassano  
Letra de A Carne © Warner/chappell Edicoes Musicais Ltda, Universal Music Publishing Ltda.

A carne mais barata do mercado  
É a carne negra  
(Tá ligado que não é fácil, né, mano?)  
Se liga aí  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
(Só-só cego não vê)  
Que vai de graça pro presídio  
E para debaixo do plástico  
E vai de graça pro subemprego  
E pros hospitais psiquiátricos  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
(Dizem por aí)  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
Que fez e faz história  
Segurando esse país no braço, meu irmão  
O cabra que não se sente revoltado  
Porque o revólver já está engatilhado  
E o vingador eleito  
Mas muito bem intencionado  
E esse país vai deixando todo mundo preto  
E o cabelo esticado  
Mas mesmo assim ainda guarda o direito  
De algum antepassado da cor  
Brigar sutilmente por respeito  
Brigar bravamente por respeito  
Brigar por justiça e por respeito (pode acreditar)  
De algum antepassado da cor  
Brigar, brigar, brigar, brigar, brigar  
Se liga aí  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
(Na cara dura, só cego que não vê)  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
(Na cara dura, só cego que não vê)  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
(Tá, tá ligado que não é fácil, né, né mano?)  
Negra, negra  
Carne negra  
É mano, pode acreditar  
A carne negra